

FACULDADE OU ESCOLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

JOSUÉ DE ASEVEDO SOARES

"E POR ÚLTIMO APARECEU TAMBÉM A MIM"

**A visão de Paulo sobre a ressurreição após o encontro com Jesus no caminho de
Damasco.**

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Susin

Porto Alegre

2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

JOSUÉ DE ASEVEDO SOARES

"E POR ÚLTIMO APARECEU TAMBÉM A MIM"

**A visão de Paulo sobre a ressurreição após o encontro com Jesus no caminho de
Damasco.**

Prof. Dr. Luis Carlos Susin

Orientador.

PORTO ALEGRE

2018

JOSUÉ DE ASEVEDO SOARES

"E POR ÚLTIMO APARECEU TAMBÉM A MIM"

**A visão de Paulo sobre a ressurreição após o encontro com Jesus no caminho de
Damasco.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática. Linha de pesquisa: Teologia, experiência religiosa e pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Susin.

PORTO ALEGRE

2018

Josué de Asevedo Soares

"E POR ÚLTIMO APARECEU TAMBÉM A MIM"

A visão de Paulo sobre a ressurreição após o encontro com Jesus no caminho de
Damasco.

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática. Linha de pesquisa: Teologia, experiência religiosa e pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Susin.

“A fé em Cristo crucificado e ressuscitado é o âmago de toda a mensagem evangélica, o núcleo do nosso “Credo”¹.

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o tema: “E Apareceu também a mim”: A visão de Paulo sobre a ressurreição, após o encontro com Jesus no caminho de Damasco. Buscar-se-á compreender a importância da ressurreição de Jesus na conversão de Paulo, e, concomitantemente entender como a ressurreição de Jesus está no centro da pregação de Paulo, a sua fé, a sua visão e como atingiu a Igreja do Novo Testamento para fundamentar essas questões, percorremos através de uma análise bibliográfica o pensamento de teólogos da área bíblica e alguns teólogos da teologia sistemática.

Palavras-chave: Ressurreição, Jesus Cristo, Apóstolo Paulo.

ABSTRACT

This dissertation reflects on the theme: “And He also appeared to me”: Paul's vision of the resurrection after the encounter with Jesus on the road to Damascus. It will be sought to understand the importance of Jesus' resurrection in Paul's conversion and, at the same time, to understand how the resurrection of Jesus is at the center of Paul's preaching, his faith, his vision, and how he struck the New Testament Church to substantiate these questions, we go through a bibliographical analysis of the theories of biblical theologians and some theologians of systematic theology.

Keywords: Resurrection, Jesus Christ, Apostle Paul.

LISTAS DE ABREVIATURA E SIGLAS

A.C	Antes de Cristo.	1 Co	Coríntios.
A.T	Antigo Testamento.	2 Co	Coríntios.
N. T	Novo Testamento.	Gl.	Gálatas.
BKJ	Bíblia King James	Ef	Efésios
C.F	Conferir	Fp	Filipenses.
Gn	Gênesis	Cl	Colossenses.
Is	Isaias	1 Ts.	1ª Tessalonicenses
Jr	Jeremias.	2 Ts	2ª Tessalonicenses
Lm	Lamentações.	1Tm	1ª Timóteo.
Ez	Ezequiel.	2Tm	2ª Timóteo.
Dn	Daniel.	Tt	Tito.
Os	Oseias.	Fm	Filemom.
Mt	Mateus.	Hb	Hebreus.
Mc	Marcos.	Tg	Tiago.
Lc	Lucas.	1Pe	1ª Pedro.
Jo	Joãos.	2Pe	2ª Pedro.
At	Atos dos Apóstolos.		
Rm	Romanos.		

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade e pela vida.

Aos meus familiares, que sempre estão ao meu lado apoiando os nossos projetos de vida e de Estudos. Especialmente a minha linda esposa Daniele Oliveira Santos Soares e as nossas filhas, presente de Deus, Carina de Asevedo Soares e Catarina de Asevedo Soares.

Ao Pastor Luiz Guatura da Silva Neto, Presidente da Assembleia de Deus em terra Brasil, no Rio de Janeiro. Ao incentivo e o apoio.

Ao Pastor Sostene Silva, Presidente da Assembleia de Deus em Bangu, no Rio de Janeiro pelo apoio a mim dispensado.

Ao Professor Dr. Luis Carlos Susin, orientador disponível, dedicado e seguro. Pessoa fraterna e humana. Mesmo sendo grande, com sabedoria sabe se conduzir com simplicidade entre os pequenos e auxiliá-los em momento adequado.

Aos professores e funcionários do departamento de teologia da PUC-RS. Em especial aos professores: Dr. Dom Leomar, Dr. Érico Hermes, Dr. Cássio Murilo e Dr. Irineu José Rabuske, Mestres atenciosos e acessíveis aos alunos.

Aos colegas de turma, pelo companheirismo durante o período de estudo. Os muitos debates, seminários em sala de aula que contribuiu para essa pesquisa.

Aos membros da Igreja Assembleia de Deus em Bangu no Rio de Janeiro, e as congregações do Registro, Paula Lopes, Cristalina e Oliveira Ribeiro por suas orações e apoio.

A todos e todas que contribuíram na realização dessa pesquisa, meu sincero muito obrigado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PAULO NO CAMINHO DE DAMASCO E O ENCONTRO COM JESUS RESSUSCITADO.....	17
2.1 PAULO UM JUDEU FERVOROSO.....	23
2.2 PAULO UM FARISEU E PERSEGUIDOR ZELOSO.....	25
2.3 PAULO UM HOMEM VOCACIONADO PARA SER APÓSTOLO.....	29
3. O PENSAMENTO E A TEOLOGIA DE PAULO.....	33
3.1 A IMPORTANCIA DO CONHECIMENTO DA LEI NO PENSAMENTO DE PAULO	37
3.2 PAULO DESENVOLVEU A TEOLOGIA DA RESSURREIÇÃO APÓS O ENCONTRO COM JESUS RESSUSCITADO.....	42
3.3 A INFLUENCIA DO PENSAMENTO DE PAULO NA IGREJA.....	45
4. I CORINTIOS 15: PAULO E A RESSURREIÇÃO.....	49
4.1 UM TRATADO SOBRE A RESSURREIÇÃO.....	56
4.2 A RESSURREIÇÃO E A PERSEVERANÇA NA FÉ CRISTÃ.....	63
4.3 O CRISTIANISMO COMO UMA OBRA DA RESSURREIÇÃO.....	67
5. CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS.....	78

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação vai tratar sobre a visão de Paulo sobre a ressurreição, após o encontro com Jesus no caminho de Damasco, e irá privilegiar, sobretudo 1 cartas aos Coríntios 15; e iniciará com Paulo no caminho de Damasco e o encontro com Jesus ressuscitado por compreender que este momento marca um novo começo e muitas mudanças na vida e nas convicções de Paulo, dando ênfase no seu fervor como judeu, no zelo como um fariseu e um vocacionado para o apostolado. Em seguida mencionamos o pensamento e a teologia de Paulo por considerar que a formação educacional e religiosa de Paulo contribuiu para formar a sua visão a respeito da ressurreição de Jesus, que fez com ele escrevesse sobre a ressurreição nas cartas aos Coríntios.

Este trabalho objetiva compreender o que representa ressurreição de Jesus para a Igreja após os escritos de Paulo e examinar algumas passagens do Novo Testamento e dicionários sobre a palavra ressurreição e aplicação da mesma nas palavras de Paulo; conhecer o que levou o Apóstolo Paulo a escrever em suas epístolas sobre “A Ressurreição de Jesus” e ao mesmo tempo a causa principal do surgimento da fé na ressurreição na vida de Paulo; e enfatizar a influência dos escritos de Paulo sobre a ressurreição de Jesus que permeia a comunidade cristã; assim, descrever a ressurreição de Jesus e a importância da 1 carta de Paulo aos Coríntios 15; comentar a questão da ressurreição de Cristo na visão de Paulo em 1Coríntios 15, e compreender como a ressurreição de Cristo marcou a conversão de Paulo após o seu aparecimento no caminho de Damasco.

A ressurreição de Jesus aparece em várias passagens do Novo Testamento. Segundo os relatos dos Evangelhos e os primeiros capítulos do livro de Atos, muitos apóstolos já pregavam sobre a ressurreição de Jesus. Mais tarde, o homem conhecido como Saulo que estudou aos pés de Gamaliel, e que perseguia os cristãos de seu tempo, teve uma experiência mística, ou seja, um encontro com Jesus ressuscitado e passa então a crer e anunciar assim, as boas novas da ressurreição de Jesus como também a salvação por seu intermédio.

A questão da Ressurreição de Jesus foi um debate para muitos grupos, dentre eles temos os gnósticos que não acreditam na ressurreição no sentido literal ou físico: "*Para o gnóstico, qualquer ressurreição dos mortos foi descartada desde o início; a carne ou a substância está destinada a perecer.*"² No século I a.C. e no NT encontramos dois grupos judaicos que divergiam sobre a ressurreição dos mortos. Por um lado, os saduceus que não acreditavam na ressurreição dos mortos e nem na vida após a morte, e do outro os fariseus que acreditavam e defendiam a ressurreição literal do corpo.³ Há também estudiosos que questionaram a historicidade da ressurreição por séculos; como por exemplo, "*... o consenso acadêmico do século XIX e início do século XX descartam as narrativas sobre a ressurreição como sendo relatos tardios e lendários*".⁴ Entretanto, a promessa de uma ressurreição futura aparece na Torá, תורה, e também em várias obras judaicas, como a Vida de Adão e Eva (100 a.C.) e no livro de II Macabeus (124 a.C.).

Os Padres Apostólicos também debateram sobre a morte e a ressurreição de Jesus, dentre eles temos Inácio de Antioquia (50-115), Policarpo de Esmirna (69-155) e Justino Mártir (100-165). Mais tarde, após a conversão de Constantino e do Édito de Milão (313), os primeiros concílios ecumênicos até o século VI, que deram ênfase na cristologia, ajudaram a moldar o entendimento cristão sobre a natureza redentora da ressurreição, influenciando assim, a liturgia da Igreja.

Esta dissertação repousará na visão de Paulo sobre a ressurreição, após o encontro com Jesus no caminho de Damasco. Buscando assim, compreender a importância da ressurreição de Jesus na conversão de Paulo. E ao mesmo tempo procurará entender como o processo da ressurreição de Jesus está ligado à pregação de Paulo e sua fé.

2 CROSSAN, John Dominic & REED Jonathan L. *Em Busca de Paulo*. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. p. 256.

3 RUDOLPH, Kurt. *Gnose: A natureza & História do Gnosticismo*, p. 190.

4 PECORINO, Philip. Seção 3: *A Ressurreição do corpo*. A Filosofia da Religião. p.113.

Paulo escreveu suas cartas com base no seu conhecimento de doutor da lei, e em suas experiências, ou seja, a partir do encontro com Jesus e o conhecimento da sua época. Um homem como Paulo, que era um fariseu devotado e discípulo aplicado a sua religião, se mostrava resoluto em perseguir os seguidores de Jesus, e, segundo a narrativa bíblica, consentiu até a morte de Estevão (Atos 7,58).

Como compreender a ideia da ressurreição de Jesus desenvolvida por Paulo nas Epístolas aos Coríntios? Pois, também em seu tempo havia um grupo chamado de saduceus que não acreditavam na ressurreição e na imortalidade da alma. Poderia Paulo, sendo fariseu, ser influenciado pelos pensamentos dos saduceus antes da aparição do Cristo no caminho de Damasco? Ou será que Paulo de fato não aceitava a mensagem anunciada pelos cristãos em um Cristo que foi crucificado em lugar de maldição como era considerado cruz? O que motivou Paulo a perseguir e ser tão rigoroso aos cristãos daquela época? Resposta destas perguntas se buscará ao longo dessa pesquisa.

O pensamento paulino sobre a ressurreição influencia toda a comunidade cristã até os dias de hoje. Entendemos que Paulo mudou para sempre os rumos do cristianismo como religião. Para muitos teólogos, Paulo foi um personagem fundamental nos primeiros anos da fé cristã. Seu trabalho de evangelização foi, em grande parte, responsável pelo caráter universal da doutrina cristã e sua mensagem. Há autores como: o respeitado biblista Jerome Murphy-O'Connor que afirmou: “Paulo desempenhou um papel maior na evangelização dos primeiros cristãos”⁵. A importância de Paulo na organização da igreja primitiva foi tão grande que muitos estudiosos chegam a declarar que Paulo é o pai do cristianismo. O historiador André Chevitarese, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialista em Cristianismo e judaísmo antigo, comenta: “O cristianismo, tal como existe hoje, deve muito à Paulo. Se não fosse o apóstolo, ele provavelmente não teria passado de mais uma seita judaica”⁶. O professor Pedro Lima Vasconcellos, da PUC de São Paulo concorda: “Sem dúvida, Paulo foi o apóstolo que teve maior repercussão com o passar dos séculos”⁷.

5 Revista Super Interessante, História. editora Abril.31 out.2016.

6 Idem.

7 Idem.

O cristianismo tem se solidificado através das pregações de Paulo na crença da ressurreição de Jesus. Portanto, podemos afirmar que de fato o cristianismo é uma obra da ressurreição pelos escritos de Paulo? É uma questão que tentaremos responder ao longo dessa pesquisa.

Após a aparição do Cristo a Saulo e logo após sua conversão ao cristianismo, este passou a ser chamado de Paulo pelo que o escritor do livro de Atos objetiva indicar uma mudança no seu modo de vida e de certo modo até a sua forma de pensar. Paulo passa de perseguidor a perseguido, de um homem que tinha muito ódio a uma pessoa amorosa, a de um homem autoritário a um fiel servo de Jesus ao ponto de fazermos a seguinte indagação: haveria sentido para Paulo anunciar o evangelho de um Cristo que não ressuscitou? Ou será que Paulo seria capaz de forjar um encontro com Jesus? Na pesquisa em questão são pontos que tentaremos esclarecer ao longo deste trabalho.

A ressurreição de Jesus Cristo é narrada no Novo Testamento, mas entendemos que Paulo fez um tratado que argumenta sobre o tema da ressurreição de Jesus e o seu significado, portanto, a Igreja em nossos dias não teria condições de definir e descrever a ressurreição de Jesus sem as epístolas de Paulo.

Paulo se converteu a Cristo, após a experiência da aparição no caminho de Damasco (Atos 9,1-6) e são visíveis às mudanças através de suas atitudes e forma como abraça a fé no Jesus ressuscitado. Portanto, Paulo se converte por causa da visão de Cristo ressuscitado.

Em 1 Coríntios no capítulo 15; o Apóstolo afirma que não anunciaria a mensagem de um Cristo que não ressuscitou. Paulo praticamente afirma que os seguidores do Cristo ressuscitado deveriam ser místicos. Em sua obra *Em Busca de Paulo* John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed afirmam: “Pensaria Paulo, então, que somente os místicos poderiam ser cristãos ou que todos os cristãos deveriam ser místicos? De certa maneira, sim. A razão é que haviam aceitado o dom da vida no contexto da ressurreição como nova era. Os cristãos já estavam vivendo em/por/com o Espírito de Cristo no corpo de Cristo”.⁸

8 CROSSAN. John Dominic & REED Jonathan L. *Em Busca de Paulo. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Roman*. São Paulo: Paulinas. 2007.

O que conhecemos, ouvimos e anunciamos sobre a ressurreição de Cristo está mencionada de uma forma didática nas epístolas de Paulo. Pois, observamos o sentido que dá para o batismo nas águas quando declara que o levantar das águas representa uma forma de ressurreição do novo homem e descida as águas como modelo de sepultamento do velho homem. Paulo também diz que o Cristo ressuscitado é as primícias dos que dormem (1 Co 15,20). Naturalmente Paulo está mencionando a ressurreição dos mortos, que segundo a sua crença ocorrerá, pois, a expressão primícias está referindo ao primeiro que ressuscitou, neste caso, Jesus.

A Ressurreição de Jesus nos faz refletir sobre a sua importância na fé e para a comunidade cristã. Mas, compreender a Ressurreição de Jesus não é como entender uma fórmula ou como um médico com o seu paciente na mesa de operação que deve dá um corte preciso com conhecimento de causa, pois a ideia da ressurreição exigirá das pessoas a fé, que vejo ser algo promovido pelo próprio Deus naqueles que decidiram em crê.

Como referencial teórico mencionaremos algumas passagens bíblicas, e ao mesmo tempo buscar interpretar a questão sobre a ressurreição de Cristo na visão de Paulo em 1 Coríntios 15, e compreender como a ressurreição de Cristo marcou a conversão de Paulo após o seu aparecimento no caminho de Damasco. A obtenção de êxito nesta pesquisa nos leva necessariamente ao encontro de outras disciplinas da teologia como a escatologia, a expiação, a redenção e a soteriologia, que dentro de seus métodos e pesquisas nos ajudarão na elucidação do objeto a ser pesquisado. O método geralmente utilizado academicamente é o método de exegese histórico-crítico que propõe um estudo científico dos textos bíblicos. Fundamenta-se na dimensão histórica do texto, que pode fornecer subsídios para a sua devida interpretação. O método histórico-crítico marcou o estudo bíblico no século XX. Com a intenção de melhor compreender a Escritura Sagrada o método foi usado como instrumento, privilegiando o sentido original e a história da redação. Entretanto, nesta dissertação faremos uso da teologia bíblica que estuda a própria Bíblia, e organiza as conclusões obtidas pela teologia exegética, ou seja, que usa técnicas como a própria exegese para interpretar o texto bíblico.

Dentre as bibliografias e autores que serão utilizados faremos menção de cinco para a estrutura dessa dissertação. A primeira é obra de J. Becker “Apóstolo Paulo”. No qual o autor aborda sobre a vida, obra e teologia de Paulo, que permitirá termos uma

visão sobre o tema que será abordado. A segunda obra utilizada será a de Rinaldo Fabris que tem como título “Paulo Apostolo dos gentios” em que apresenta não só um perfil histórico e espiritual, mas também teológico do grande apóstolo, a pessoa mais controvertida e luminosa da experiência cristã na Igreja primitiva. A terceira obra é do teólogo americano Wayne Grudem que tem o seguinte título “Teologia Sistemática atual & exaustiva” nela o autor comenta sobre o significado da ressurreição de Jesus e como o Novo Testamento aborda a natureza da ressurreição mostrando assim como a ressurreição está ligada a escatologia, a doutrina da expiação, redenção e salvação. Na quarta obra temos o autor Louis Berkhof em sua obra intitulada “Teologia Sistemática” em que enfatiza a ressurreição de Jesus como um estado de exaltação, ou seja, a exaltação de Cristo, escriturística e racional, que servirá para fazermos uma análise sobre o tema a ressurreição de Jesus. Por último temos a quinta obra escrita pelo teólogo americano pentecostal, N. Lawrence Olson intitulada “O Plano Divino através dos Séculos” em que afirma que a Bíblia registra tipos de ressurreição: a primeira chamada de ressurreição nacional, como é o caso de Israel, que segundo ele está ressuscitando, em cumprimento à profecia de Ezequiel 37 e a profecia de Oséias 6,1-4; a segunda, Olson chama de ressurreição espiritual, baseando-se nas epístolas de Paulo (Ef 2,1-6; 5,14; Rm 6,11 e João 5,24). Enfatiza que é o caso da pessoa que experimenta o novo nascimento, passando da morte espiritual a vida eterna em Cristo.

Todos os autores e bibliografia que serão usados e apreciados nesta dissertação, não se esgotam nas obras que foram citadas, outras poderão endossar este projeto. O que mostramos para o momento é o tipo de conteúdo que norteará os principais pontos da pesquisa.

Na busca de respostas para os questionamentos mencionados, a presente dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, sob a luz de referenciais teóricos buscamos dar ênfase à experiência de Paulo no encontro com Jesus ressuscitado no caminho de Damasco, e, ao mesmo tempo mostra que a conversão de Paulo apenas se deu mediante a uma intervenção sobrenatural, neste caso, o aparecimento do Jesus ressuscitado, tendo em vista Paulo ser descrito pela narrativa bíblica do Novo Testamento como um judeu fervoroso, um fariseu e perseguidor zeloso. Dentre alguns autores trabalhados na primeira secção, três autores são fundamentais. O especialista em Paulo, o italiano Rinaldo Fabris, o professor de Novo Testamento Udo Schnelle, o

irlandês Jerome Murphy-O'Connor e o teólogo e exegeta Lucien Cerfaux todos reconhecidos em todo o mundo como entre as maiores autoridades sobre o Apóstolo Paulo.

No segundo capítulo, temos a contribuição dos seguintes autores Herman Nicolaas Ridderbos, W. Wiefel, Daniel Marguerat, James Dunn e continuamos com a reflexão de Schnelle e outros, sobre a teologia, pensamento paulino e do que escreveram sobre Paulo, e enfatizar a influência de vários ambientes culturais e a identidade étnica de Paulo e como foi determinada pela religião judaica vivida através de ritos, textos e símbolos. Será trabalhado a importância do conhecimento da lei no pensamento paulino e enfatizar como o apóstolo Paulo desenvolveu a teologia da ressurreição após o encontro com Jesus Ressuscitado e a influência do pensamento de Paulo na Igreja.

No terceiro e último capítulo, encontra-se a parte decisiva da dissertação. Apresentamos de início uma síntese sobre a Carta de Paulo aos Coríntios, dando ênfase para a ressurreição de Jesus na perspectiva de Paulo. A questão da ressurreição de Jesus é importante no que se refere à fé e a pregação de Paulo que nos estimula a perseverança e crença no Cristo ressuscitado. O que de fato significou a Ressurreição de Jesus para Paulo? A resposta a essa indagação é muito importante e fundamental para a afirmação ou negação para compreender o cristianismo como uma obra da ressurreição. No entanto, não podemos esquecer que essa indagação passa obrigatoriamente pelo Apóstolo Paulo, para o qual o anúncio da pregação era a Ressurreição de Jesus e a salvação da humanidade que, neste caso, era a sua principal mensagem. Na trilha de W. Wiefel, N.T. Wright, Wayne Grudem, J. Becker, Lucien Cerfaux e Rudolf K. Bultmann, buscamos afirmar e compreender sobre a ressurreição de Jesus na visão de Paulo na carta aos Coríntios.

2. PAULO NO CAMINHO DE DAMASCO E O ENCONTRO COM JESUS RESSUSCITADO.

Damascus era um centro comercial, que ficava aproximadamente entre 240 quilômetros da cidade de Jerusalém, mais especificamente na província romana da Síria. E naquela época residia uma grande população judia, mas a cidade era fortemente influenciada pelo paganismo. Era uma das primeiras cidades da liga das dez cidades, criadas para a propagação da cultura grega. Portanto, Damascus estava visivelmente helenizada. As crenças locais, por exemplo, podiam ser vistas em suas moedas, que tinham cunhadas a imagem de deuses e deusas gregos. Pesquisadores afirmam que

Damasco devia sua importância e prosperidade à sua localização geográfica, um dos entroncamentos do mundo naquele tempo. E nesta região havia várias rotas comerciais que ligavam Damasco a outras cidades do império Romano naquela época.⁹

Jerome Murphy-O'Connor em sua obra "Paulo de Tarso, história de um apóstolo", diz:

“As rotas comerciais da Anatólia e Mesopotâmia se cruzavam ali, para de novo se dividirem desde o platô em direção à Arábia e para o litoral do Mediterrâneo, rumo ao sul, ao Egito.”¹⁰

Assim, era quase certo que comerciantes de outras nações tivessem instalações permanentes em Damasco, permitindo que a população pagã da cidade fosse ainda maior.

A pergunta que neste momento pode se fazer é: por que os judeus de Jerusalém desejariam perseguir os cristãos em um lugar tão distante quanto Damasco? Existem muitas possibilidades. A primeira seria que Paulo desejava ascensão rápida à sua carreira, construindo, a reputação dele como verdadeiro fariseu. As outras possibilidades é que poderia ser para prender os cristãos que fugiram de Jerusalém; impedir que os tais causassem qualquer problema aos judeus em relação a Roma ou porque Paulo talvez pensasse que, eliminando o cristianismo em Damasco, evitaria a divulgação do cristianismo na região, em outras cidades ou áreas importantes.

Outra pergunta que muitos tem feito: será que Paulo seria Capaz de forjar um encontro com Jesus? Não. Pela história e narrativa dos textos no NT observa-se que o sofrimento de Paulo foi muito maior após o encontro com Jesus. Paulo como fariseu já tinha adquirido uma posição de respeito diante da comunidade em que estava, ou seja, tinha de certa forma uma situação confortável e não haveria qualquer sentido Paulo criar para si uma imagem mental correspondente à do Cristo Ressuscitado, e tão pouco inventar uma cegueira, pois o texto de Atos dos Apóstolos relata que Paulo permaneceu cego por três dias e não comeu e não bebeu (At 9, 8-9), e ao que parece Paulo não estava só, era acompanhado de homens, que possivelmente eram soldados (At 9,7).

9 MURPHY- O'CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso história de um apóstolo*. p.48.

10 Idem. p.48.

E mais afrente na narrativa do livro de Atos pode-se ver que diante do rei Agripa, em um discurso em sua defesa contra todas as acusações dos líderes judeus, Paulo confirma que ele e os homens que o acompanhavam haviam caído por terra (At 26,14). E na sequencia do seu discurso é interrompido por Festo que disse: “*Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!*” (At 26,24). O que se pode observar que a narrativa de Lucas mostra um Paulo convicto, determinado e em pleno juízo em anunciar o Jesus ressuscitado que apareceu no caminho de Damasco, pelo que se lê:

“No entanto, Paulo argumentou: Não estou enlouquecido, ó excelentíssimo Festo, muito diferente disto, estou declarando palavras verdadeiras e em pleno juízo!” (At 26,25).

Jerome Murphy-O’Connor em sua obra “Paulo de Tarso, história de um apóstolo”, chega afirmar sobre a aparição de Jesus a Paulo:

“Seja como for isso tenha acontecido, a única coisa de que podemos estar seguros é que com essa experiência Paulo soube, com a inconfundível convicção da experiência direta, que o Jesus crucificado por Pôncio Pilatos estava vivo. A ressurreição de Jesus, outrora desprezada como fraude, mostrava-se agora uma realidade tão evidente como seu próprio nariz. Jesus continuava a existir, mas em outro plano do ser. Esse era o tipo de reconhecimento de que Paulo precisava para a sua conversão, pois mudou completamente seu sistema de valores”.¹¹

É importante enfocar que muitos autores frequentemente consideram que foi no ocorrido de Damasco o inicio da teologia paulina. Quanto a este pensamento Udo Schnelle parece discordar, é enfático em dizer:

“A teologia paulina tem suas raízes na experiência de Damasco e não é nada mais do que a explicação desse evento, sua uniformidade e coesão são então desdobramentos ou aplicações situacionais do conhecimento ali adquirido.”¹²

11. MURPHY- O’CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso história de um apóstolo*. p.45.

12 SCHNELLE. Udo. *Paulo, vida e pensamento*. pp.111 e 112.

Ele ainda observa que, as autoafirmações do apóstolo não apoiam conclusões de um alcance tão amplo. Paulo não menciona pormenores biográficos do evento de Damasco; sua abordagem está marcada por uma linguagem tipizada e estritamente relacionada ao novo conhecimento de Jesus Cristo e ao fundamento de seu apostolado.

Schnelle segue afirmando que no próprio Paulo não se encontra nenhum conceito para a interpretação do evento de Damasco, e em lugar algum ele se refere a Damasco ao explicitar seus pensamentos teológicos. Sobre esta questão do pensamento da teologia de Paulo abordaremos mais adiante.

A história de Paulo no caminho de Damasco é marcada por uma experiência espiritual profunda e intensa com o Jesus ressuscitado que modifica a sua vida de modo irreversível. A queda na estrada de damasco foi um divisor de águas. Esse foi um giro brutal de 180 graus e, é recordado por Paulo quando diz: “Fui pego por Jesus Cristo” (Fl 3,12). Com força dominadora, Jesus se apoderou dele e pôs sua vida noutra caminho, completamente diferente da vida em que outrora se encontrava. Para Paulo tal ação significa um ato de “senhorio” de Jesus. Paulo estava convencido, em relação à verdadeira identidade de Jesus, de que Jesus era o “Senhor”. Uma vez reconhecido como “Senhor” deveria ser aceito como o “Cristo”. Quanta mudança em Paulo após o acontecimento no caminho de Damasco. Após o encontro com Jesus, Paulo dedicou-se ainda mais a cumprir a vontade daquela que o chamara do que a satisfazer seus próprios desejos. Podemos lê:

“E é por intermédio de Cristo que temos tamanha confiança em Deus. Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus.” (2 Cor 3,4,5).

Pode-se dizer que a vida de Paulo divide-se em antes e depois do encontro com o Jesus ressuscitado. Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos, apresenta a conversão de Paulo em três momentos: (At 9,3-19; 22,6-16; 26,12-18). Nestes textos encontramos a narrativa da conversão daquele que mudou não apenas o próprio nome, mas o rumo da história de sua vida. De Saulo de Tarso, tornou-se Paulo de Cristo, o apóstolo dos gentios. Passando de perseguidor da igreja a apóstolo de Cristo. Paulo, aquele que perseguia os seguidores de Jesus, se torna aquele que é perseguido por parte dos judeus. Quanto à conversão de Paulo no livro de Atos dos Apóstolos Rinaldo Fabris comenta:

“A trama narrativa lucana da conversão de Paulo se desenvolve em quatro momentos. O primeiro apresenta a pessoa e a ação devastadora de Paulo perseguidor em Jerusalém. Esse momento é apenas o fato anterior e o pano de fundo do segundo ato, o do evento central constituído pela experiência do encontro de Saulo com Jesus no caminho de Damasco. O terceiro momento é dominado por uma segunda visão do Senhor, que prepara Ananias, um judeu-cristão de Damasco, para acolher Paulo. O ato é concluído com o batismo de Paulo, que coroa e confirma o seu processo de iniciação cristã em Damasco.”¹³

Paulo era um homem convicto da sua identidade judaica, ao longo de sua vida aprendeu os valores de sua religião, possivelmente em ambiente familiar, pois era judeu de nascimento, ainda criança teria se mudado com os seus pais de Tarso para Jerusalém e toda sua formação e educação teria ocorrido aí, a sua língua materna era o grego, era muito provável que dominasse o aramaico, pois a narrativa de Atos 26,14 registra que a voz falou a ele em hebraico no caminho de Damasco. Vemos na Bíblia que Paulo dá um relato de si mesmo: “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, na Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância da lei de nossos pais, zeloso por Deus” (At 22,3), Gamaliel ajudou a moldar gradativamente a personalidade e a identidade religiosa de Paulo, sendo, portanto, um judeu fervoroso e observador da lei. Gamaliel foi um dos mestres mais honrado do primeiro século. Seguiu a linha farisaica moderada da escola de Hillel. Este era um fariseu cabalista, que viveu durante o reinado de Herodes, o grande na época do segundo templo.

Na Bíblia King James, encontra-se o seguinte comentário:

Gamaliel pertencia a um partido popular judaico que dava ênfase à absoluta obediência da Lei como o caminho da Salvação. Embora fariseu, representava a renomada escola de Hillel, que favorecia uma interpretação mais liberal e humanizante da Lei. Uma das doutrinas características dos fariseus é que Deus está acima de tudo e não precisa do auxílio de ninguém para cumprir seus desígnios. O que é de Deus se estabelecerá, o que não é jamais se firmará. Gamaliel era respeitado por devoção a Deus, sabedoria e erudição.¹⁴

13 FABRIS, Rinaldo. *Paulo, apóstolo dos Gentios*. p.122.

14 JAMES, James. *Comentário Bíblico*. p. 2079.

No tempo de Paulo Gamaliel era muito conhecido e respeitado como perito da Lei religiosa e como a voz da moderação At 5,34a está registrado: “*Mas, levantando-se no conselho um certo fariseu chamado Gamaliel, doutor da lei, venerado por todo o povo*”. Fabris menciona que Paulo faz o seu autorretrato de judeu fiel na observância da lei e das tradições dos antepassados, pode associar os dois atributos de “zelota” e “fariseu”.¹⁵

A determinação de Paulo contra a comunidade cristã vem de seu extremismo religioso, ou seja, de um legalismo que nem Gamaliel que era fariseu, doutor da Lei e respeitado pelo povo, e que instruiu o próprio Paulo, tinha. Podemos observar no texto de (At 5,37-39), em que aconselha e o que parece em um tom moderado, a não matarem a Pedro e os apóstolos, pois quando a obra é de Deus não pode haver qualquer impedimento humano.

P. Sanders informa que:

“Iguamente chama atenção que Gamaliel em At 5,34-39 é apresentado como um doutor da lei tolerante em relação aos cristãos, de modo que Paulo não pode ter aprendido dele seu rigorismo contra pessoas de outra fé”.¹⁶

A indagação que vem no momento é se a conversão de Paulo significou a mudança ou troca de Deus? Parece que isso não ocorreu, quando lemos os textos de Atos dos Apóstolos e as Epístolas paulinas é possível perceber que a ideia de Deus não é modificada em Paulo. Pode-se ler passagens em que Paulo anuncia aos atenienses falando sobre o altar do Deus desconhecido. (Atos 17,22-23) e em outras ocasiões afirma que Deus é um só (1 Cor 8.6 ; Ef 4.5).

Carlos Mesters comenta que: “A conversão para Cristo não significou uma mudança ou troca de Deus. Paulo continuou fiel ao seu Deus. Continuou fiel também ao seu povo. Tornando-se cristão não estava deixando de ser judeu”.¹⁷

15 FABRIS, Rinaldo. *Paulo, apóstolo dos Gentios*. p.49.

16 C.f. E.P.Sanders, *Paulus*,p.15.

17 MESTERS. Carlos. *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o evangelho*. p.27.

Considerando a sinceridade de Paulo em sua religião e a sua mudança após o encontro com Jesus ressuscitado, assim damos ênfase: Paulo um judeu fervoroso, um fariseu e perseguidor zeloso e seu chamado ao apostolado.

2.1 PAULO UM JUDEU FERVOROSO

É possível perceber o fervor de alguém como fala sobre aquilo que acredita e pelo modo como age em relação a sua crença. Parece-nos que de alguma forma externamos para o concreto, neste caso pelas ações, aquilo que pensamos ou acreditamos. Paulo era um homem profundamente religioso, praticante do judaísmo, defensor das tradições, e observador da lei (Fp 3,6; At 22,3). O judaísmo é a fé que ele conhecia. Quando nos referimos a Paulo parece ser bem visível e notório aquilo que acreditava. Parece-nos que o fervor de Paulo em sua religião não deixou ele se preocupar com as consequências de suas convicções. Palavras e atos estão estreitamente conectados e tais ações podem gerar a morte dos inimigos.

A forma como Paulo consentiu a morte de Estevão, mesmo que não estivesse apedrejando, pois as testemunhas deixaram seus mantos aos pés dele, portanto, aprovou a atitude daqueles que o apedrejavam. (At 7,58; 8,1). Rinaldo Fabris enfatiza:

“O testemunho final de Estevão, quando afirma estar vendo, nos céus abertos, o Filho do homem em pé à direita de Deus, pronto para o julgamento, faz com que se desencadeie a reação violenta dos sinédritas. Estes o arrastam para fora da cidade de Jerusalém e se põem a apedrejá-lo”.¹⁸

18 FABRIS, Rinaldo. *Paulo, apóstolo dos Gentios*. p.8

Pela narrativa de Lucas em Atos, Estevão é o primeiro mártir da Igreja cristã. C.J. den Heyer compreende que a morte de Estevão foi um acontecimento que parecia colocar fim a uma época de coexistência mais ou menos pacífica que havia prevalecido até aquele momento entre a Igreja e a sinagoga. E entende que a morte de Estevão ocorreu porque este se opunha a determinada interpretação, difícil de precisar, da Torá de Moisés e, com isso, ao menos a partir do ponto de vista de alguns, ele se situava fora dos limites do judaísmo. Era essa atitude típica de toda a comunidade cristã de Jerusalém naquele momento? De vários textos do Novo Testamento, segundo Heyer deduz-se que esse foi um dos problemas mais espinhosos que a comunidade cristã primitiva teve de enfrentar logo no início. Em meio a estes acontecimentos nenhum teólogo questiona a seriedade e fervor que Paulo parece tentar demonstrar.

Paulo relata o seu fervor em suas próprias epístolas, pois afirma ter sido circuncidado ao oitavo dia como manda o rito judaico, menciona ser da tribo de Benjamin (Rm 11,1; Fl 3,5-6; Gl 1,14; 2 Cor 11,22,26), e o livro de Atos dos Apóstolos escrito por Lucas mostra também Paulo como um judeu fervoroso em sua crença (Atos 23,6; 23,5). Paulo nasceu e cresceu judeu, entendia hebraico, era fariseu, e se orgulhava disso. Identificava-se como judeu no interior do judaísmo (Cf. Atos 21,39; 22,3; 23,6; 26,5).

2.2 PAULO UM FARISEU E PERSEGUIDOR ZELOSO.

O termo Fariseus tem a sua origem dos Hassidim (חסידים) que é o plural de Hassid (חסיד), que significa “justo” ou “piedoso”. Mas, com o tempo a palavra fariseu tomou outro sentido e passou a significar “separatista”. No hebraico פרושים (prushim) era um grupo de religiosos devotado à Lei. Alguns estudiosos afirmam que o termo foi mencionado pela primeira vez quando alguns piedosos judeus “se separaram” de Judas Macabeu, depois de 165 a.C. Mas, Schnelle enfatiza que as origens do movimento farisaico são obscuras. Entretanto, afirma que vê a sua formação no contexto mais amplo da Revolta dos Macabeus (cf. 1 Mc 2,15-28). Concordando com historiadores diz que o discurso desse movimento aparece pela primeira vez no grupo dos “hassideus”: “Então uniu-se a eles o grupo dos “hassideus”, homens valorosos de Israel, cada um deles devotado à lei” (1 Mc 2,24; cf.7,13). Eles representam aquela tendência, no judaísmo, que sempre reagiu contra dominantes estrangeiros, mantendo o exclusivismo judaico e a lealdade às tradições dos pais. Parece que os fariseus pouco se interessavam

pelo poder político, mas se tornaram os mentores político de Israel. Quanto às suas doutrinas, acreditavam na ressurreição dos mortos, na existência dos demônios, dos anjos e na esperança messiânica.

J. Jeremias enfatiza que:

“Os fariseus, por fim, constituíam um movimento de leigos que se formara na primeira metade do século. 2 a.C., a fim de opor-se à helenização da religião judaica. Na sua maioria, compunham-se de comerciantes e artesãos. Somente os seus líderes eram escribas. Seu número sempre foi pequeno. Segundo a avaliação de Josefo, havia no tempo de Herodes o Grande na Palestina um número redondo de 6.000 fariseus para uma população total de cerca de meio milhão de habitantes.”¹⁹

Os Fariseus tinham uma profunda reverência para com os ideais nacionais e religiosos judaicos, e devoção aos mesmos. Os fariseus se opuseram a introdução das ideias gregas, embora sendo um grupo que não tinha um grande número de seguidores, não deixou de ser natural que se tornassem um partido reacionário. Segundo Jerome Murphy-O'Connor para os fariseus as coisas velhas eram as únicas coisas boas, e coadunavam sua estrita e intensa piedade com um surpreendente sentido da realidade.

C.J.den Heyer afirma que:

“ Os fariseus nunca tiveram um grande número de seguidores, porém influenciaram a vida dos judeus. Assim ocorria no tempo de Jesus. Sua austera forma de vida impunha respeito. Suas ações caracterizavam-se pela sobriedade. Entendiam que era da maior importância fazer que teoria e prática, convicções e vida cotidiana, combinassem tão estreitamente entre si quanto fosse possível. Os fariseus eram considerados especialistas na Escritura e na tradição, mas combinavam o estudo permanente da Torá com o exercício de uma profissão, Muitos aprendiam um ofício. Havia, entre eles, curtidores; ganhava-se a vida com confecção de tendas (como Paulo e sua família) ou como carpinteiro (à semelhança de José e Jesus; cf. Mt 13,55) ”.²⁰

19. JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. p. 222.

20 HEYE, C.J. den. *Paulo um homem de dois mundos*. p. 25.

Talvez, por isso, Paulo fosse um homem determinado na sua função, uma grande demonstração do seu empenho na sua religião judaica, e podia ser visto através do seu suposto “zelo” em ser o defensor das tradições de seus ancestrais, assim, Paulo “perseguia com efeito de empregar a força física contra os cristãos e fazia o possível para assolá-la” (Gl 1,13).

Portanto, Paulo agia rigorosamente com base em sua certeza religiosa, e levava muito a sério aquilo que de fato acreditava. Isso pode ser visto nas tradições mais antigas, onde estão os relatos sobre a atuação perseguidora de Paulo. Entretanto, não se tem conhecimento sobre os pormenores dessa perseguição.

Sobre a atuação perseguidora de Paulo comenta Schnelle:

“Paulo não comunica pormenores de lugar e modo de sua atividade perseguidora, Atos descreve o procedimento do fariseu Paulo contra a comunidade primitiva vivamente. Em Jerusalém, Paulo vai de casa em casa e manda jogar na cadeia homens e mulheres (At 8,3); ele procura a emissão de sentenças de morte contra cristãos (cf. At 22,4; 26,10) e os obriga a abjurar sua fé (cf. At 26,11). Ele ordena aprisionar os cristãos (At 22,19) e adquire uma legitimação para a perseguição de cristãos em Damasco (cf. At 9,2). A imagem sombria do perseguidor inclemente de Paulo remonta certamente a Lucas, para que depois pudesse fazer brilhar tanto mais alto as grandes obras do apóstolo dos gentios Paulo”.²¹

Quando lemos a narrativa bíblica da perseguição de Paulo aos cristãos vem a seguinte indagação: - o que motivou Paulo a perseguir e ser tão rigoroso com os cristãos daquela época? Seria o fato de outro grupo religioso, conhecido como saduceus, que não acreditava em ressurreição dos mortos, ter alguma influência sobre Paulo, gerando nele à raiva aos seguidores de Jesus? Não cremos ser possível tal influência, e que tampouco o ódio de Paulo venha deste grupo. Entendemos que, sendo Paulo um fariseu consciente, ou seja, um religioso devotado às leis, de um zelo extremado, embora em sua doutrina acreditasse a ressurreição dos mortos, não caberia à aceitação da mensagem dos cristãos em um Cristo que foi crucificado, pois este suplicio no seu tempo era reservado a malfeitores e pessoas consideradas malditas.

21 SCHNELLE, Udo. *Paulo vida e Pensamento*. p.95.

Quanto à motivação da perseguição de Paulo, Schnelle é enfático:

“Provavelmente, o fariseu que zelava pela Torá considerava um escândalo o anúncio dos crentes, de que um crucificado seria o messias prometido [...] A ideia de um messias crucificado precisava parecer para Paulo não apenas absurda, mas, aos seus olhos, representava também uma blasfêmia e um questionamento da fé judaica. Por isso, ele negava aos adeptos de Jesus Cristo o direito de existência dentro da instituição da sinagoga”²²

Por outro lado, o crescente número dos convertidos ao cristianismo possivelmente chamou a atenção dos fariseus, que não viam bem a concorrência e a popularidade da nova fé. Sobre este questão Jerome Murphy-O’Connor diz que:

“O número crescente dos convertidos ao movimento de Jesus inevitavelmente despertou a atenção dos fariseus, que viam como concorrência a sua popularidade”²³

Paulo perseguia a comunidade cristã usando o recurso da lei, portanto, parece que usava sua influência munida de cartas de autorização a fim de encerrar em prisões muitas dessas pessoas. Assim, vemos que a sua perseguição tinha certa legalidade, insistindo em sua crença (At 26,10). Paulo chegou a perseguir redutos religiosos transcendendo assim, os limites da Palestina (At 26,11), indo até Damasco, na Síria (At 9,1 e 2). Podemos concluir que o zelo sem entendimento e a falta da maturidade pode ser uma arma perigosíssima. Muitos crimes têm sido praticados por zelo com falta de tolerância e dialogo.

Jerome Murphy-O’Connor argumenta que Paulo como judeu, acreditava pertencer a um povo único, separado dos outros. A Lei de Moises, sob a qual vivia, reforçava a convicção fundamental da separação efetiva entre judeus e gentios por meio de normas alimentares. Isso fazia com que o relacionamento entre judeus e gentios fosse impossível, a menos que os gentios aceitassem as severas condições judaicas sobre o que comer ou não.²⁴

22 SCHNELLE, Udo. *Paulo vida e Pensamento*. p.98.

23. MURPHY- O’CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso história de um apóstolo*. p.38.

24. Idem. p.28.

Como um fariseu e um perseguidor zeloso, é possível observar pela narrativa do NT que Paulo estivesse agindo especificamente contra judeus que se converteram ao cristianismo. Pelo menos no texto bíblico não se faz menção da preocupação de Paulo com outras religiões, a não ser quando se converte ao cristianismo, portanto, Paulo pode ser visto como um monoteísta inflexível e partilhava a fé judaica na centralidade da lei.

2.3 PAULO UM HOMEM VOCACIONADO PARA SER APÓSTOLO.

Entende-se que Paulo tem o início de sua vocação quando teve aquele encontro com Jesus Cristo no caminho para Damasco. Paulo foi símbolo da resistência aos pensamentos dos cristãos. Mas, na ocasião do encontro, ocorreram mudanças marcantes em Paulo: primeira delas e após o encontro, o nome Saulo na narrativa bíblica parece desaparecer e nome Paulo passa ser mais mencionado. O homem violento passa a ser descrito como homem compreensivo e manso, a figura do homem perseguidor descrente no Jesus ressuscitado pregado pelos cristãos dá lugar ao homem crente que passa a crer no Cristo que lhe apareceu. Paulo será mencionado com um dos perseguidos e não mais perseguidor. Agora Paulo passará a ser visto como um homem vocacionado para ser apóstolo daquele que tantas vezes sentiu desprezo e ódio, e teve de enfrentar as consequências de sua vocação.

O conceito de “vocação” está na Bíblia sempre em conexão com a “eleição” e, quase sempre, com a “missão”. Quando o chamado não era de pessoa física para pessoa física, como, por exemplo, Jesus chamando os discípulos, mas da divindade para a pessoa, quase sempre a vocação estava interligada à “revelação” e/ou “visão”. Esse conceito parece se encaixar bem com o chamado de Paulo ao seu apostolado.

Paulo foi homem de temperamento forte e enérgico, mesmo depois do seu encontro com Jesus Ressuscitado, e chegou a provocar a oposição de certo grupo da comunidade cristã. Ele não fez segredo de manter-se independente da liderança da comunidade primitiva de Jerusalém (Gl 1,15-24). Entrou em conflito com seu companheiro de viagem, Barnabé (At 15,39-40) e não temeu em repreender duramente a Pedro (Gl 2,11-14). Tais narrativas no texto bíblico parecem demonstrar visivelmente o apostolado de Paulo.

A pergunta que podemos fazer é esta: Quais dos apóstolos questionaram Paulo a respeito do seu Apostolado? Pelo que se pode ver nas passagens bíblicas não há registro de que houve por parte do Apóstolo Pedro ou qualquer outro dúvida ou reprovação em relação ao apostolado de Paulo. Embora mais a frente tenha um registro de alguém em coríntios que tenta por em dúvida o seu apostolado, e Paulo defende a sua autoridade apostólica (2 Cor 10, 1-18; 11,1-15). Mas, o texto não diz que era um dos apóstolos que seguiram a Cristo antes da cruz.

No grego a palavra apóstolos (ἀπόστολος), significa: aquele que é mandado em missão; aquele que é enviado, mensageiro ou embaixador, ou seja, aquele que representa a quem o enviou. Apesar de Paulo não ser um dos doze que andaram diretamente com Jesus envolvido em seu ministério terreno. Paulo se sentia um apóstolo chamado diretamente por Cristo Jesus que apareceu a ele no caminho de Damasco, fazendo dele um dos seus representantes e com a missão de levar a boa mensagem do evangelho. Portanto, Paulo estava seguro quanto a ter sido eleito por Deus para anunciar o evangelho de Jesus Cristo ao mundo (Gl 1,16).

Pelo modo como Paulo inicia suas cartas, vemos que de fato se considerava um apóstolo chamado pelo próprio Cristo (Cf. Rm 1,1; 1 Cor 1,1; 2 Cor 1,1; Gl 1,1). Paulo faz menção do seu apostolado e o legitima em 1 Cor 9,1, mediante a uma polemica relativo ao seu apostolado de que ele não teria visto o Senhor Jesus. Mas, Paulo afirma e relaciona a aparição do Jesus ressuscitado, e diz: “eu vi a Jesus, nosso Senhor” (Ἰησοῦν τον Κύριόν ἡμῶν ἑώρακα) indicando assim o evento de Damasco e comumente defendendo o seu apostolado.

Os escritos de Lucas no livro de Atos dos Apóstolos 9,1-9 mostram isso muito bem no aparecimento de Jesus a Paulo, podemos observar que há certa semelhança com passagens bíblicas do Antigo Testamento, mais precisamente aqueles textos em que o Senhor se revela aos patriarcas e profetas. Sobre esta questão Rinaldo Fabris faz a seguinte menção:

“O relato lucano da conversão de Paulo se apoia em alguns elementos descritivos tirados do modelo literário das histórias bíblicas da revelação de Deus aos patriarcas e profetas”.²⁵

25 FABRIS, Rinaldo. *Paulo. Apostolo dos gentios*. p.128.

Carlos Mesters corrobora também com este pensamento dizendo que a Bíblia usa algumas imagens para descrever o que aconteceu: duas de Lucas para sugerir a semelhança entre Paulo e os profetas. Em Atos na narrativa de Lucas vemos um homem derrubado (At 9,4; 22,7;26,4). Como Jeremias, Paulo podia dizer: “Seduziste-me, e eu me deixei seduzir. Dominaste-me e me derrubaste” (Jr 20,7). Caído no chão, ele se entrega. Na descrição em Atos uma luz o envolveu (At 9,3; 22, 6,7). Como Ezequiel, Paulo caiu em terra ao ver a luz da glória de Javé (Ez 1,27-28).

Paulo é um vocacionado para a fé cristã, e pela forma que Ele abraçou a revelação do Cristo que a ele apareceu, a maneira como foi impactado por este evento, mostra a sua seriedade, ao mesmo tempo a lealdade a Jesus, que também pode ser lido em suas cartas ou pelos relatos de Lucas, que fala sobre suas experiências e sofrimento por amor a Cristo, e como foi transformado totalmente o seu modo de vida, criando assim, novos paradigmas no cristianismo e aceitando como sua a nova fé. Pode-se dizer que Paulo foi um convicto seguidor de Jesus Cristo. Mas, nunca negou sua condição de Judeu. A sua vocação ao apostolado não foi ocasionada pela sua crise de consciência, parece indicar o judeu justo que desejava ser que passou seguir outra corrente.

Assim diz Rinaldo Fabris:

“Paulo chama de “justiça de Deus” a nova relação com Deus fundada sobre a sua fé em Cristo. Ela é o ponto de chegada de um percurso que parte do seu passado de judeu justo, íntegro e observante da lei, e desemboca no “conhecimento de Cristo Jesus”. Não se trata de um processo de amadurecimento comparável a uma crise de consciência, e sim de uma virada imprevista que mudou a direção do caminho ou colocou numa outra corrente”.²⁶

Paulo foi um homem conquistado por Jesus, ele chega esclarecer mencionando em uma das suas epístolas:

“Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo correndo para conquistá-lo, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo” (Fp 3,12).

26 FABRIS, Rinaldo. *Paulo. Apostolo dos gentios*. pp.150 e 151

Como um vocacionado Paulo relata a sua experiência de encontro com Jesus Cristo, usa as palavras para mencionar a força que o arrastou e todos os seus pensamentos e escolha ético-religiosa foram modificados e utilizando uma metáfora da corrida, comenta sobre o passado, o presente e o futuro em uma nova perspectiva com Deus através de Jesus Cristo e escreve:

“Esquecendo-me do que fica para trás e avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo” (Fp 3,13-14).

Paulo é um discípulo dedicado, e fazia a obra de Jesus buscando melhorar a cada dia, compreendia que a vida tem constantes desafios, mas com a graça de Deus acreditava que podia vencer, e superar os momentos de aflição, pois a sua recompensa vinha do Senhor.

3. O PENSAMENTO E A TEOLOGIA DE PAULO.

A estrutura e pensamento da teologia de Paulo levavam-nos a refletir sobre o conjunto de pressupostos básicos sobre a natureza da realidade, dentro da qual Paulo desenvolveu a sua teologia. Mas, para compreender o pensamento, e a teologia e a mensagem de Paulo se faz necessário buscar informação sobre a vida e a atividade do Apóstolo dos gentios antes da sua conversão. Portanto, entender o pensamento paulino é observar a sua trajetória, tentando assim, reconstruir o seu histórico e perceber o mundo daquela época.

Joachim Gnilka diz:

“É impossível compreender a mensagem e a teologia do apóstolo Paulo sem levar em conta a sua evolução interior. A sua atividade foi profundamente marcada pelo seu nascimento e crescimento no seio da diáspora. Ele nasceu em Tarso, na Ásia Menor, cidade florescente, aberta à cultura grega, pátria de eminentes filósofos de tendência estoico-cínica, como Crispo e Zenão.”²⁷

27 In.: J. Gnilka. *Forma e exigências do Novo Testamento.* p.63.

Antes da sua conversão Paulo conviveu em um ambiente pluralista, ou seja, flexível a pessoas de outras crenças e de concepção religiosa diferente dos seus, o que em terra judaica não era facilmente aceito. A diáspora foi o ambiente que possibilitou à formação do futuro Apóstolo dos gentios, que havia herdado dos pais a cidadania romana. Não há conhecimento de ter Paulo sofrido a influência do paganismo, mas não há dúvida que o judaísmo exerceu sobre ele um grande poder. As Epístolas relatam muitas vezes a rigidez e a ortodoxia da sua formação no judaísmo, afirmando-se: “Circuncidado ao oitavo dia, do povo eleito de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu, filho de hebreus” (Fp 3,5; Cf. Rm 11,1; 2 Cor 11,22).

O pano de fundo do pensamento paulino, segundo Schnelle²⁸, não pode ser definido sem uma causa, ou sem uma intervenção de ideias alternativas. Neste caso, cita três correntes de tradições: o Antigo Testamento; o judaísmo helenista e as tradições populares do helenismo greco-romano. Esses três ambientes estão numa interligação múltipla e complexa e formam ao mesmo tempo o pano de fundo e o contexto do pensamento paulino. Ademais, um pensador produtivo como o apóstolo Paulo estava sempre apto e parcialmente obrigado a deixar para trás elementos da tradição e formar algo novo.

Marshall ²⁹ afirma algo semelhante à Schnelle, diz que a estrutura da teologia paulina é constituída pelo judaísmo. Neste, três elementos são significativos: O primeiro é o AT que ajudou a formar os pensamentos de Paulo e que pode ser visto claramente nas Epístolas de Romanos, 1 e 2 Coríntios e Gálatas. O segundo elemento é a maneira como as Escrituras são usadas, ou seja, Paulo apresenta semelhanças com o tipo de exegese encontrada no judaísmo de sua época, conforme especialmente atestam segundo ele os Manuscritos do Mar Morto, além de se refletir na literatura rabínica posterior. E o terceiro elemento é a aceitação de Paulo do tipo de perspectiva que é denominada apocalíptica, em que está centrada na intervenção de Deus na história por intermédio de Cristo e na vida do mundo por vir. E finaliza dizendo que o pensamento de Paulo foi formado também decisivamente pela concepção dos primeiros cristãos, seus contemporâneos.

28 SCHNELLE, Udo. *A Evolução do Pensamento Paulino*. p. 13.

29 MARSCHALL. I. Howard. *Teologia do Novo Testamento. Diversos Testemunhos, um só evangelho*. p. 366.

Estudiosos da Teologia concordam que o pensamento e a teologia paulina de forma ímpar mexem com a estrutura da Igreja em seus aspectos doutrinários, dogmáticos e sociológicos. É possível muitas vezes ler nas epístolas paulinas as recomendações deixadas por Paulo no que se refere à ordem do culto, a crença no Jesus ressuscitado e até a eucaristia.

Para Udo Schnelle as transformações no pensamento paulino só podem encontrar resposta no testemunho das próprias cartas de Paulo.³⁰ Portanto, as cartas de paulinas são fontes importantíssimas, e de modo nenhum podem ser rejeitada, é através delas que se pode descrever e conhecer os pensamentos de Paulo.

A Igreja do Novo Testamento iniciada com os primeiros discípulos de Jesus tinha o pensamento mais enraizado no modo de vida de um judeu, é possível ver como aquela comunidade estava presa à Lei e ao judaísmo. Em Gálatas 2,11-14 há um registro de um acontecimento em que Paulo diverge e reprova a Pedro, e chama a sua atenção, devido uma atitude hipócrita, pois antes de chegarem alguns judaizantes de Jerusalém, Pedro fazia suas refeições na companhia dos gentios, mas foi se afastando, temendo aos que defendiam a circuncisão.

O aparecimento da figura de Paulo no Novo Testamento provoca mudanças significativas, pois ao contrário dos primeiros discípulos que tinham um pensamento de uma Igreja ainda judaica, Paulo se desprende deste pensamento buscando um novo caminho. De acordo com Baur, essa consciência em Paulo desenvolveu-se de modo contrário ao Cristianismo primitivo que ainda estava preso à lei e ao judaísmo particularista. Paulo tornou-se o defensor da fé cristã de caráter universal desprendida da lei.³¹

30 SCHNELLE, Udo. *A Evolução do Pensamento Paulino*.p.13 .

31 RIDDERBOS, Herman *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. Tradução de Suzana Klassen. p.14.

Tudo isso ocorreu devido à experiência do seu encontro com Jesus que provocou em Paulo uma ruptura em seu pensamento naquilo que ele achava fazer para Deus, mas a realidade estava sendo blasfemo e insolente (1 Tm 1,13; 1 Cor 15,9; Gl 1,13; Cf. Rm 5,7-8; 2 Cor 5,19). Carlos Mesters afirma que a ruptura aconteceu, para que o projeto de Deus pudesse ter a sua continuidade “conforme as Escrituras” (1 Cor 15,3; At 17,2-3;18,28). E ainda declara que:

“Agora Paulo já não consegue confiar naquilo que ele faz por Deus, mas só naquilo que Deus faz por ele. Já não coloca sua segurança na observância da Lei, mas sim no amor de Deus por ele” (Gl 2,20-21; Rm 3,21-26).³²

Observando a vida de Paulo temos uma ideia que Paulo olhava para Deus, bem distante, e procurava alcançá-lo através da observação da Lei e da tradição dos antigos; pensava só em si mesmo e em sua própria justificação. Mas, na experiência profunda com Jesus se sentiu acolhido e justificado, e já não enxergava apenas a si mesmo e em sua própria justificação para pensar no seu semelhante e servir através da prática do amor “que é a plenitude da lei” (Rm 13,10; Gl 5,14).

Para W. Wiefel em Paulo é impossível separar pensamento e vida. Sendo que proveniência, carreira e teologia se condicionam mutuamente, a teologia paulina não pode ser captada somente segundo a história intelectual.³³ Portanto, a vida e pensamento de Paulo estão associados na compreensão da sua teologia e pensamento. Assim, partindo deste princípio destacamos três tópicos que desenvolveremos a seguir são eles; A importância do conhecimento da lei no pensamento de Paulo, como Paulo desenvolveu a sua teologia da ressurreição após o encontro com Jesus ressuscitado e a influência do pensamento de Paulo na Igreja.

32 MESTERS. Carlos. *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o evangelho*. pp.26,27.

33 W. Wiefel, *Paulus und das Judentum*, p. 142.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DA LEI NO PENSAMENTO DE PAULO.

Paulo quando menciona a Lei em alguns momentos está se referindo ao Pentateuco, em outros ao Antigo Testamento em geral como manifestação da vontade de Deus, ora mais frequente ao sistema religioso que se mostra principalmente na Lei de Moisés e procura a justiça no cumprimento dos preceitos. Portanto, a Lei pode ser tomada em dois sentidos, primeira como sistema religioso do judaísmo, depois como Pentateuco (Cf. Gl 4,21). Percebemos como o conhecimento de Paulo sobre a Lei e sua interpretação foi importante para o amadurecimento e perspectiva para a sua teologia e para o cristianismo.

Quando o apóstolo Paulo teve o encontro com Jesus no caminho de Damasco, teve que reavaliar a sua perspectiva sobre a pessoa de Jesus, sobre o papel da Lei sobre o momento que ele próprio vivia.

Udo Schnelle ³⁴ comenta sobre o ganho de entendimento, que segundo ele é evidente. Segundo o testemunho do apóstolo, devemos entender Damasco como um acontecimento de graça que proporcionou a Paulo quatro entendimentos fundamentalmente novos. Seria: 1) O entendimento teológico: Deus voltou a falar e agir; no fim dos tempos, ele revela a salvação de maneira qualitativamente nova. 2) O entendimento cristológico: O Jesus de Nazaré crucificado e ressuscitado está permanentemente ao lado de Deus. 3) O entendimento soteriológico: o Cristo exaltado concede aos fiéis já no tempo presente a participação de seu domínio. Eles estão incluídos num processo universal de transformação que começou com a ressurreição de Jesus, continua na atuação do espírito e desemborcará em breve na parusia e no juízo, e 4) A dimensão biográfica: Deus elegeu e chamou Paulo para tornar essa mensagem ineditamente nova e boa conhecida às nações.

34 In: SCHNELLE, Udo. *A Evolução do Pensamento Paulino*. p.112 .

O Pensamento de Paulo como já mencionado foi importante na expansão do cristianismo. Paulo por sua vez, interpretou e deu significado da pessoa e do ministério de Jesus em seus escritos.

Sendo Paulo um fariseu de grande conhecimento da Lei em Israel em seu tempo, e era um profundo conhecedor da “Torah” e dominava o hebraico e o grego, portanto, um homem de grande capacidade.

“É muito o que Paulo diz sobre a Lei (...) Existe uma série de afirmações paulinas indubitavelmente autênticas sobre o assunto; sabemos também a qual Lei se referia: com poucas exceções, referia-se à Tanak, a Torah judaica” .³⁵

Paulo era aquele que ajudava a escrever o mínimo de obrigação da Lei que um Judeu deveria conhecer e praticar, mesmo morando em terras distantes para permanecer ou ser reconhecido com um verdadeiro judeu. Ele teve elevado cuidado pelas tradições orais dos círculos farisaicos além de muitos de seus contemporâneos (Gal 1,14).

Ao ler o texto de Atos 9,15 quando o Senhor fala a Ananias a respeito de Paulo, temos o seguinte registro: Porém, o Senhor ordenou-lhe: “Vai, pois ele é para mim um instrumento escolhido, a fim de levar o meu Nome diante de gentios e seus reis, e perante o povo de Israel”. Compreende-se que a fé em Cristo traz grandes bênçãos, e frequentemente grande sofrimento também. Paulo iria sofrer por sua nova fé (2 Cor 11,23-27). Neste caso, Deus chama Paulo a um compromisso, a uma responsabilidade e a uma nova missão.

O conhecimento que Paulo tinha adquirido como fariseu, o fez ser considerado por muitos como um doutor da Lei e que fosse respeitado mais tarde no círculo da cristandade. Foi ele que conseguiu fazer uma ponte da lei como uma educadora em relação a Cristo. A Lei é o pedagogo, boa, santa e conduz a Cristo (Gálatas 3,6-4,7).

35 RIDDERBOS, Herman *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. p.15.

Com a imagem da moeda, com ambos os lados, indissociável cara e coroa, é possível ver o outro lado da moeda, o grande valor da Torah para Paulo e o que tanto ele aprendeu sobre ela ao longo de sua vida, que serviu, para conduzi-lo a separar bem o que nela conduz à realização da Promessa de Deus e o que nela foi indevidamente creditado.

Nas suas palavras em Gálatas 3,6-9 observamos que acerca do conhecimento da Lei Paulo tinha desenvolvendo um novo pensamento, no momento em que enfrenta o principal argumento dos judaizantes, pois os mesmos ensinavam que os gentios precisavam se tornar judeus antes de se tornarem cristãos. Paulo expôs a falha desse argumento quando mostrou que os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que têm a fé, e não aqueles que obedecem à Lei. O próprio Abraão foi justificado pela fé. Portanto, dando a entender que todos que creem em qualquer época e de qualquer nação, compartilham da justificação e a bênção de Abraão.

Paulo tem um conhecimento tão bem enraizado sobre a Lei, pois chega a citar o livro Deuteronômio 27,26 para provar que, ao contrário do que os judaizantes afirmavam, a lei não pode nos justificar ou salvar, pois entendia que a lei apenas condenava. Transgredir apenas um mandamento leva as pessoas a uma condenação. A Lei nada podia fazer para mudar (Rm 3, 20-24). Mais uma vez Paulo dá uma nova roupagem com o pensamento novo e insere a pessoa de Cristo dizendo que Ele tomou sobre si a maldição da Lei quando foi pendurado na Cruz. E Jesus o fez para que não tivéssemos que suportar nossa própria punição.

Daniel Marguerat questiona se Paulo, ao aderir à fé em Cristo, modificou sua compreensão da Torah³⁶ Antes reinava um consenso sobre a transformação radical de Paulo. Posteriormente esse consenso foi contestado por alguns exegetas como James Dunn, esclarecendo uma melhor compreensão da Torah dentro do judaísmo no tempo de Paulo. Um exemplo dessa nova perspectiva se encontra no modo como a Torah é entendida.

36 MARGUERAT, Daniel. Paulo e a Lei: a reviravolta (Filipenses 3,2 – 4,1) In: *Paulo, uma teologia em construção*. p. 267.

Quando James Dunn cita a importância da circuncisão para Paulo, demonstra que o Apóstolo dos gentios contesta a circuncisão exterior como um marcador de identidade era fundamental, ou pelo menos contestar essa compreensão do marcador de identidade. Paulo não nega segundo ele, a circuncisão como uma evidência essencial que marcava o membro da aliança. Mas igualmente afirmava Paulo que a circuncisão verdadeira é obra do Espírito que capacita para o serviço a Deus (Fl 3,3); a circuncisão verdadeira acontece no coração. Aqui Paulo retoma o antigo e tradicional reconhecimento de que a circuncisão na carne era inadequada sem a circuncisão interior, um reconhecimento profundamente enraizado no pensamento religioso judaico. Contudo, em vez de negar o próprio conceito da circuncisão, afirmando que ele era obsoleto, Paulo insiste que ele era movido pela mesma preocupação com o povo da aliança que o Deuteronomista e Jeremias tinham. O que contava realmente era a circuncisão interior. Essa prioridade fora alcançada em e através da obra do Espírito.³⁷ Realidades que pode ser constada no AT e no NT (cf. Jr 4,4 e Rm 2,28-29).

O argumento apresentado mostra a importância do conhecimento da Lei para Paulo e a influência que mesma teve em seu pensamento. Paulo tirou suas ideias do conhecimento que adquiriu como aluno da escola de Gamaliel. Portanto, a sua fonte de pensamento teria vindo dos estudos da lei, dos pensadores de seu tempo e pela vivência de mundo em sua época. Podemos concluir que a matriz do pensamento paulino encontra-se no mundo judaico, em suas Escrituras, tradições, instituições, esperanças e maneira de encarar o mundo.

37 DUNN, James D.G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Paulus; Academia Cristã, 2011, p.664.

Estudiosos como J.Shreiner e G. Dautzenberg afirmam que Paulo foi um homem que aprendeu na Bíblia grega e que mais tarde aglutinou tais estudos à mensagem Cristã. Comenta:

“No mundo helenístico-judaico Paulo se dedicou por algum tempo ao estudo da Bíblia grega, da qual tirou importantes conceitos teológicos como πίστις, ευαγγέλιον, Καινή διαθήκη e outros, que inserirá mais tarde no tronco do querigma cristão. Afirma-se com frequência que, tendo Paulo sido educado no espírito do partido farisaico, seu pai devia ser fariseu.”³⁸

A fé no Cristo ressuscitado está mencionada no Novo Testamento encontra-se inserido na pregação paulina e dando fortes argumentos para que as boas novas sejam levadas a mente e aos corações dos aflitos e desesperançosos de Israel; Em Mateus 15,24 estão registradas as seguintes palavras de Jesus: “Eu não fui enviado, senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Jesus afirma o propósito de sua vinda como redentor de Israel. Estas palavras indicam como a missão de início era o povo de Israel e que mais tarde Paulo se voltará para o gentio, devido a resistência do povo judeu em receber, aceitar e reconhecer Jesus como o messias. (cf. Jo 1.11).

3.2. PAULO DESENVOLVEU A TEOLOGIA DA RESSURREIÇÃO APÓS O ENCONTRO COM JESUS RESSUSCITADO.

Paulo por ser um fariseu convicto, conhecia bem o termo ressurreição, portanto, adepto desta doutrina e por compartilhar fielmente dessa crença, podemos acreditar que pode ser desenvolvido por ele com facilidade após a sua conversão a Cristo. Lucien Cerfaux³⁹ afirma que sendo Paulo um fariseu, ele esperava talvez apaixonadamente, a ressurreição dos mortos; compreendia todo o significado da afirmação da fé cristã de que Cristo havia ressuscitado. Esta ressurreição anunciava o término de todas as promessas do Antigo Testamento; o que para este era apenas uma esperança, pretendiam os cristãos ser um fato.

38 SHREINER, J. e DAUTZNBERG G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo. Teológica. p.63.

39 CERFAUX. Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. p.16.

O encontro com o Jesus ressuscitado em sua viagem para Damasco e com um pensamento pré-estabelecido, possivelmente Paulo não tinha em mente que o inesperado estava para acontecer. Paulo tinha a confiança de que a morte de Jesus era o resultado acabado do que ele merecera e que de fato Jesus estava morto e tudo o que deveria fazer era reconduzir seus desgarrados seguidores para o autêntico judaísmo.

Mas, acontece o que Paulo não esperava a experiência do sua vocação que se narra em Atos dos Apóstolos (Atos 9, 3-9). A sua vocação se insere nesse contexto de resposta ao chamado de Deus para uma missão específica. Pois, a vocação de Paulo é uma vocação de proclamação de salvação por meio de Jesus Cristo. Vemos quando Jesus aparece declarando ser quem ele perseguia ocorre uma mudança de pensamento, tendo em vista que o Jesus que ele não reconhecia e entendia está morto apareceu vivo diante dele. Naquele momento Paulo vive a experiência que seria a base para desenvolver a teologia com e do Jesus ressuscitado.

Baur interpreta Paulo, não a partir do fato de o Apóstolo ser seguidor de Jesus, do qual, afinal de contas, Paulo raramente fala em suas epístolas, mas a partir do milagre de sua conversão, quando Deus revelou-lhe seu filho, isto é, confrontou-o com a realidade tremenda da morte de Jesus. Por certo, foi nessa experiência que a ideia de verdade e liberdade absolutas, completamente desprovidas de qualquer laço nacional ou legalista, entrou na sua mente e o apóstolo desenvolveu as concepções que passaram a ser-lhe características dali em diante.⁴⁰

Paulo desenvolve a sua teologia relacionada à ressurreição, após esta experiência que marcou a sua vocação e caminhada para a fé no Cristo ressuscitado.

40 SANDERS, Ed Parish. *Paulo: A Lei e o Povo Judeu*. p.16-17. 2009.

O estado de cegueira de que Paulo foi acometido também muito contribuiu para a mudança de pensamento e aceitação da sua vocação, pois muito provavelmente foi um período de reflexão, tendo em vista Paulo ter permanecido cego durante três dias. Fabris faz o seguinte comentário: “O clima de total prostração e de humilde expectativa é acentuado pela seguinte observação: ficou três dias sem poder ver, e não comeu nem bebeu nada (At 9.9). Só após a intervenção de Ananias, Paulo recupera a vista, é batizado e volta a comer, reencontrando assim as suas forças”. ⁴¹

Richard N. Longenecker ⁴² comenta que não devemos subestimar o papel significativo desempenhado pela experiência cristã de Paulo e por seu pensamento acerca de seu significado. A experiência da conversão de Paulo teve um aspecto decisivo no desenvolvimento da sua teologia.

Paulo também chega mencionar que teve outras experiências além do encontro com Jesus, como ocasiões em que recebeu visões e mensagens do Senhor (1 Cor 12,1-10) e chega fazer a seguinte afirmação: “Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; pelo contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação”(Gl 1.12). Tem-se o entendimento que o Senhor ressuscitado a ele apareceu e foi-lhe revelado o que deveria crer e pregar (Gl 1,11-23).

Tem havido muita discussão sobre se faz sentido identificar um tema nuclear ou central na teologia paulina, e, nesse caso, o que tal tema poderia ser. Paulo era um mestre e pregador, e por isso o problema é essencialmente estabelecido pela síntese da narrativa de sua proclamação, em 1 Coríntios 15,2-8. Contudo, não se pode negar que existem elementos específicos na teologia de Paulo.

41 FABRIS, Rinaldo. *Paulo Apostolo dos gentios*. p.133.

42 LONGENECHER. Richard N., Ed, *The Road From Damascus: The Impact of Paul's Conversion on His Life, thought and Ministry* (Grand Rapids, Mich.: Eermans, 1997).

3.3 A INFLUENCIA DO PENSAMENTO DE PAULO NA IGREJA.

É de consenso entre os teólogos sobre grande a importância do papel do Apóstolo Paulo no que se refere à estrutura teológica do Novo Testamento, que por sua vez tem influenciado o pensamento da Igreja até os dias atuais. Paulo é responsável pela estruturação da teologia do NT e, por isso seus escritos se interconectam e se complementam.⁴³

Cabe lembrar que todo o NT é uma obra importante na vida da Igreja, pois o Novo Testamento é uma obra da Igreja, e como tal têm um círculo de leitores em particular, e esses escritos levam em consideração o que é necessário e a ocasião. Isso também pode ser visto claramente nas cartas paulinas. Portanto, entende-se que os registros do NT, desde os evangelhos e as epístolas formam como um todo um compendio de orientação, no que se refere ao comportamento da comunidade de cristãos até os dias atuais.

Josef Schreiner comenta:

“Os escritos do Novo Testamento, como toda obra literária, têm o seu círculo de leitores, para os quais em particular foram escritos, levando em consideração a sua situação e a suas necessidades. Esta finalidade é evidente nas cartas, especialmente nas que saíram da pena do apóstolo Paulo. Mas também os evangelhos supõem um círculo específico de leitores. [...] Os escritos do Novo Testamento foram preservados e conservados; foram também transmitidos à geração seguinte, sendo considerados por ela e por todas as outras gerações como palavra de Deus a elas dirigidas. Mas uma vez reunidas no corpo do Novo Testamento, assumiram uma competência decisiva para a Igreja em todos os tempos. O que causa admiração é que este livro, formado de partes justapostas, tenha conseguido semelhante posição e influencia.”⁴⁴

43 MAZZAROLO, Isidoro. *Primeira carta aos Coríntios. Exegese e comentário*. p.11.

44 SHREINER, J. e DAUTZNBERG G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. p.433.

Paulo foi uma pessoa de influência, vemos que ele era confiante, atuante, enérgico, claro, verdadeiro e foi um fariseu respeitado entre os fariseus. Paulo não era um homem que fazia apenas as pessoas ouvi-lo, sabia ouvir, era inspirador, pois fazia a obra Deus com entusiasmo. Era um observador, responsável, habilidoso e sabia o que e quem queria influenciar, em suas cartas era comedido e admoestava com conhecimento de causa, e percebia que de alguma forma podia mudar a opinião ou fazer as pessoas refletirem. Contudo, a pergunta que se faz no momento é: Paulo teve opositores? Sim. Mas, em meio a tantos opositores Paulo considerava que o seu maior inimigo eram os argumentos contrários aos seus ensinamentos. Em 2 Coríntios 10,4-5 temos o seguinte registro:

“Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim, poderosas em Deus para a destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e de toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo”.

Portanto, isso ocorreu na Igreja de Corinto, local onde Paulo pregava e ensinava, e ao mesmo tempo sofreu acusações contra seu ministério (2 Cor 10,1-18; 11, 1-33). O apóstolo foi um determinado militante em meio aos conflitos e contra aquilo que ele considerava ser os falsos ensinamentos na Igreja, pois entendia que tais pensamentos poderiam atrapalhar o enraizamento da sua mensagem anunciada na mente das pessoas e, por conseguinte a Igreja.

Paulo era um homem que, à nossa semelhança, sofria os efeitos das emoções. Tinha todas as características, positivas e negativas, de um ser humano normal. Entretanto, por ser extremamente emotivo, sentiu fortemente as injustiças que lhe fizeram alguns em Corínto. Percebe-se as asperezas de suas palavras em 2 Cor 2,4 e 7,8 quando se refere aos seus opositores, provocando uma reação ainda mais hostil por parte de alguns membros da Igreja. Mas, como um conciliador Paulo apela para mansidão e ternura de Cristo (1 Cor 10,1-2).

Compreendemos que Paulo se torna uma pessoa de influência com sua teologia não apenas pelo seu conhecimento e enraizamento da sabedoria judaica que possuía, embora isso, bem verdade tenha sido importantíssimo para os seus argumentos em defesa do seu evangelho, mas não se pode negar que ele se colocou de forma determinante como um servidor da causa do Jesus ressuscitado que apareceu a ele no

caminho de Damasco ao ponto de ter experiências de um servidor leal pronto a sofrer e até morrer pela causa de Jesus.

Em 2 Cor 6,4-5, Paulo descreve seu ministério apostólico apresentando um série de seis momentos difíceis e de grande aflições experimentadas por ele. Parece que Paulo separa esses acontecimentos didaticamente, em três conjuntos, contendo três “experiências” cada. Nas perícopes 4 e 5, ele menciona: “aflições, necessidades, e angustias”, e depois “nos açoites, nas prisões, nos tumultos” primeiro e segundo conjuntos descrevem as várias situações de sofrimento, que causaram danos físicos e matérias ao apóstolo Paulo. Ainda no texto, mas precisamente no verso 5, ele menciona “trabalhos, vigílias e jejuns”, referindo-se às dificuldades enfrentadas em seu ministério. Porém, apesar de tudo isso, Paulo não se envergonhava do Evangelho de Cristo nem desiste de continuar seu trabalho.

Paulo com disposição, eloquência, liderança e determinação levou o cristianismo além dos limites geográficos da Judéia com uma doutrina de impacto que se perpetuou influenciando o Cristianismo, sendo reconhecido como o grande teólogo da Igreja cristã primitiva. Sua doutrina contempla vários temas, dentre os quais estão à justificação pela fé, a santificação pela obediência, organização eclesiástica e a esperança e certeza da ressurreição em Cristo. Defendeu ardentemente a “mensagem que recebeu de Cristo”, combateu aquilo que entendeu ser heresia, bem como seus autores, tidos por falsos profetas. Foi um paladino da unidade da Igreja e da igualdade entre judeus e gentios.

O pensamento de Paulo tem momentos nos seus escritos que podem ser considerado difícil. Há quem diga como Lucien Caerfaux ⁴⁵ o pensamento de Paulo é sempre complicado, e é abordável de muitos lados. Mas, não há dúvida de que o pensamento de Paulo é chamativo, cativante e influenciador.

45 CERFAUX. Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. p.13.

Karl Marly⁴⁶ afirma que ninguém, como Paulo, exerceu tanta influência na primeira formulação da fé e nem deixou traços tão marcantes na principiante comunidade Cristã. De nenhuma outra figura da primeira geração chegaram até nós tantas informações; de nenhuma outra, tantos testemunhos literários.

Podemos observar o pensamento de Paulo na Igreja e tão contundente que é possível enxergar suas marcas nos credos históricos como o “credo dos apóstolos”, “credo de Cesaréia”, “Credo de Nicéia”, “Credo niceno” e “credo de Atanásio”, que declaram em suas confissões de fé e que se desenvolveram com base nas declarações de Paulo, e em todos os credos fazem menção a ressurreição de Jesus.

As Assembleias de Deus, em sua “Declaração de fé ou Credo”⁴⁷ influenciado pelos credos históricos e pensamento paulino escreve no capítulo IV do “Cremos” no item quatro “*Ressurreição e ascensão de Cristo*”, registrando: Cremos e ensinamos que o Senhor Jesus ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia, “segundo as Escrituras” (1 Co 15.4), e apresentou-se vivo, com muitas e infalíveis provas aos seus discípulos por espaço de 40 dias. A ressurreição de Jesus foi corporal, conforme profetizado no Antigo Testamento, anunciado de antemão pelo próprio Senhor Jesus Cristo, testemunhado pelos apóstolos: Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas (Atos 2.32). Essa promessa divina cumpriu-se, como testificou o apóstolo Pedro no dia de Pentecostes. Além dos apóstolos, Jesus apareceu a Saulo de Tarso e a Tiago e ainda a mais de 500 pessoas. A expressão “segundo as Escrituras” significa que esses acontecimentos estavam no cronograma divino e foram registrados de antemão no Antigo Testamento. A morte e a ressurreição de Jesus são os principais elementos que distinguem o cristianismo de todas as religiões da terra, pois Jesus, o seu fundador, vive para sempre: havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele (Rm 6.9). A sua morte vicária seria destituída de significado teológico se ele tivesse permanecido na sepultura. Aquele corpo crucificado não pode ficar na sepultura. Essa ressurreição significa a glorificação e exaltação de Jesus, a vitória esmagadora sobre Satanás, sobre o pecado, sobre a morte e Inferno. A morte e a ressurreição de Jesus são o centro da pregação do evangelho.

46 SHREINER, J. e DAUTZNBERG G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo. Teológica. p.99.

47 Declaração de fé das *Assembleias de Deus*. CGADB. Edição CPAD. 2017. p.62

4. I CORINTIOS 15: PAULO E A RESSURREIÇÃO.

No Novo Testamento, mais especificamente nos escritos paulinos, a ressurreição de Jesus pode ser vista como profissão de fé e testemunho daqueles que creem, e o acontecimento da palavra e da linguagem da fé cristã. Trata-se de um acontecimento que transcende o âmbito histórico, pois o Ressuscitado é realidade nos dias hodiernos por seu Espírito na história. A ressurreição de Jesus Cristo com seu caráter escatológico e universal para a humanidade, e assim, desperta a necessidade de interpretá-la.

É importante mencionar que o evento da ressurreição indica a unidade entre o Jesus pré pascal e o Cristo pós pascal. É possível observar no Novo Testamento a abordagem sobre a existência terrestre de Jesus e a sua existência após a ressurreição. Ele se torna o centro e a norma de toda a fé posterior. Portanto, a ressurreição de Jesus é a base da confissão cristológica. Observemos tal realidade na primeira carta de Paulo aos Coríntios.

A primeira carta aos Coríntios está dentro do quadro dos escritos paulinos escritos pelo próprio Paulo. Esta, como as outras autênticas cartas do Apóstolo, não teriam um caráter literário por se tratar de obra genérica; mas são realmente cartas de um escritor para uma comunidade específica.⁴⁸

Os próprios pais da Igreja, como Clemente de Roma, por volta do ano 95 d.C., já defendiam a autoria paulina dessa primeira carta à Igreja de Corinto. As evidências internas e inerentes a este documento apostólico, bem como as evidências externas não deixam dúvidas quanto à autoria de Paulo (1 Cor 1,1-2;16,21).

48 MAZZAROLO, Isidoro. *Primeira carta aos Coríntios. Exegese e comentário.* p.10.

Durante sua segunda viagem missionária, Paulo viveu, um ano e seis meses em Corinto ensinando a Palavra de Deus (At 18,11). Permitindo assim, conhecer bem a cidade e, que naquele período, chegaria conhecer muitos dos seus habitantes. Nesse lugar, Paulo havia trabalhado com êxito e conseguido formar uma comunidade cristã. Depois da partida de Paulo, outros haviam continuado seu trabalho. Apolo pertencia a este grupo (At 19,1).

Para entender a comunidade de Corinto, se faz necessário mencionar como era esta cidade na época de Paulo. Esta cidade tinha uma população estimada em 250 mil cidadãos livres e cerca de 400 mil escravos. Devido a sua localização geográfica, constituía-se de uma faixa de terra ligando a península ao continente, com pleno acesso ao mar Mediterrâneo; era uma encruzilhada para viajantes e comerciantes de todas as partes do mundo daquela época. Seus dois importantes portos eram Cencreia, cerca de 10 Km a leste do golfo Sarônico ⁴⁹, Lecaião, a uns 2 Km a oeste, no golfo de Corinto, que faziam da cidade ponto estratégico e obrigatório de abastecimento de descarga de navios. O comércio era um dos mais exuberantes do Mediterrâneo. Entretanto, a imoralidade não tinha limites, pois fazia parte da religião local. Possivelmente a pluralidade de pensamentos que pairava em Corinto e as percepções religiosas variadas trouxeram um grande desafio para Paulo que anunciava o Cristo ressuscitado e a crença recheada de pensamento judaico. Mesmo depois de haver ali um grupo de cristão é possível observar a dificuldade de alguns em relação à crença em determinadas doutrinas. Neste caso, a aceitação da ressurreição de Jesus, tendo em vista que para pertencer aos seguidores do Nazareno ou ser chamado cristão, significa ter a fé que Jesus ressuscitou, portanto, entende-se que a fé e a pregação de Paulo estimula a perseverança e em acreditar no Cristo ressuscitado.

49 .Sarônico. Também conhecido como o golfo Sarônico (em grego: Σαρωνικός κόλπος) ou golfo de Egina faz parte do mar Egeu e define o lado oriental do istmo de Corinto. É o termo oriental do canal de Corinto, que atravessa o istmo. Um istmo é uma porção de terra estreita cercada por água em dois lados e que conecta duas grandes extensões de terra.

Muitos comentaristas seguem na afirmação de que o principal propósito de Paulo ao escrever essa carta foi unificar a Igreja em Coríntios. Algo que parece ficar claro nas duas cartas “canônicas”: a comunidade não formava uma unidade. Já no início de sua primeira carta, Paulo aponta de modo enfático esse problema:

“Irmãos, peço, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vocês estejam de acordo no que dizem e que não haja divisões entre vocês. Sejam completamente unidos num só pensamento e numa só intenção. Algumas pessoas da família de Cloé me contaram que há brigas entre vocês. Alguns de vocês dizem: eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Pedro, eu sou de Cristo” (1 Cor 1,10-12).

É possível perceber que Paulo está muito preocupado com essa falta de unidade. Aborda o tema repetidas vezes (1 Cor 3,1-9; 10,23-11; 11,17-34). Com toda a sua criatividade, ele buscava imagens e concepções capazes de sublinhar a necessidade de formar uma estreita unidade (1 Cor 12,12-31). Pois o mesmo chegou até sofrer acusações (1 Cor 9,3).

Crossan e L.Reed dizem que:

“As cartas de Paulo aos Coríntios foram escritas depois de ele ter sido solto da prisão em Éfeso de onde enviara cartas para Filemon e para os Filipenses. Mas se chegou a comparar a experiências passada com “lutar contra os animais em Éfeso”, em 1 Coríntios 15,32, bem poderia descrever sua presente experiência como igualmente de luta contra feras em Corinto”.⁵⁰

Essa primeira carta aos Coríntios pode também ser entendida como uma carta eminentemente de ordem prático-doutrinária tendo em vista tratar de assuntos que motivam a unidade e a boa conduta, pois reprova o partidarismo e a imoralidade no seio daquela comunidade cristã, esta pode ser considerada um manual de teologia pastoral.

50 CROSSAN. John Dominic & REED Jonathan L. Em Busca de Paulo. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. p. 301.

Mas, a carta alcança o ápice no capítulo 15, quando o Apóstolo Paulo trata da ressurreição em relação com o triunfo de Cristo sobre todos os adversários e com a transformação final de nossa humanidade corruptível numa humanidade que reflete plenamente a glória de Deus.⁵¹

É possível perceber no pensamento de Paulo uma criação que será renovada, no texto ele expõe de forma clara, portanto, não há dúvida que o tema em que ele centraliza é a renovação da humanidade.

Wright comenta:

“Mesmo considerando por si só, não pode haver dúvidas de que Paulo pretende que este capítulo, como um todo, seja uma exposição da renovação da criação, e da renovação da humanidade como seu ponto central [...] No que se refere ao quadro de crença no mundo antigo, esta passagem é especificamente judaica, trata-se de um exemplo clássico de teologia da ressurreição, baseada na dupla crença do deus criador e sua justiça. Dentro dessa estrutura de pensamento a morte é uma intrusa, uma violadora do bom mundo de Deus. A resposta do criador à morte não pode ser alcançada com algum tipo de acordo ou compromisso. A morte deve ser, e no Messias foi e será, derrotada (1 Cor 15,26)”.⁵²

A doutrina paulina como um todo é uma doutrina de Cristo e suas obras, essa é a sua essência. O que é peculiar e novo em Paulo é que ele tornou os fatos redentores a encarnação, a morte e a ressurreição de Cristo. A história da redenção é a espinha dorsal do cristianismo paulino.

Augusto Nicodemos, professor da Universidade presbiteriana Mackenzie, que é um teólogo calvinista é enfático em declarar que:

“É de grande importância notar a centralidade da morte a ressurreição de Cristo no pensamento de Paulo. Esses dois eventos formam unidades inseparável e se interpretam mutuamente: a morte de Cristo é interpretada a luz da sua ressurreição e sua ressurreição à luz da sua morte”.⁵³

51. CARSON, D.A. e BEALE G.K. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo. Vida Nova. p. 866.

52. WRIGHT. N.T. *A ressurreição do filho de Deus*. p.443

53. Artigo: Teologia Paulina. *O primogênito de entre os mortos*. p.28

Para Walter Kasper a ressurreição de Jesus iniciou a ação escatológica de Deus, a exaltação de Jesus e a salvação cristã. A realidade da ressurreição é inseparável de seu testemunho. Ele ainda explica que a ressurreição não é um fato do passado, mas é uma realidade sempre atual para as testemunhas. O importante é a credibilidade existencial que prestam à fé as testemunhas da ressurreição mediante sua vida e sua morte.⁵⁴

Rudolf Bultmann, importante teólogo luterano de nacionalidade alemã do século passado, fortemente influenciado pela filosofia existencialista, do filósofo Heidegger, interpretava a ressurreição como um evento existencial para o crente, alterando o sentido de sua vida. Para Bultmann Jesus só havia de fato ressuscitado no âmbito do querigma, ou seja, apenas na mensagem. O que é interessante na declaração de Bultmann, é que a ressurreição de Jesus é um fato nem que seja apenas encontrada na mensagem dos cristãos, que de alguma forma altera o modo de viver, pois se entende que a fé está inclusa na vida daquele que reconhece e acredita na ressurreição de Jesus.

J. Jeremias, outro teólogo alemão do século passado da linha “liberal”, parece compreender a ressurreição semelhante ao pensamento de Bultmann, e afirma que:

“Os discípulos devem ter vivenciado as aparições do ressuscitado como um acontecimento escatológico, como a irrupção da transformação do mundo”.⁵⁵

Portanto, podemos entender que J. Jeremias compreende que a ressurreição, nesse sentido, aponta para o caráter escatológico presente na interpretação dos acontecimentos pascais pelas primeiras testemunhas. Segundo ele, o judaísmo não concebia a ressurreição como um acontecimento histórico. A ressurreição é um evento a-histórico, que faz irromper a nova criação de Deus.

54. KASPER, W. Jesus, El Cristo . Salamanca: Ediciones Sigueme, p.159 .

55 JEREMIAS. J. *Teologia do Novo Testamento*. P. 438.

É importante focar que tanto R. Bultmann e J. Jeremias observam a existência da ressurreição na narrativa bíblica, mas não interpretam como a Igreja em seu contexto teológico geral compreende a Ressurreição de Jesus. Pois, a Igreja compreende de fato a ressurreição de Jesus semelhante aos pensamentos de Paulo. Isso porque Paulo compreendeu sobre o propósito da cruz, conforme ele explica em I Coríntios 15, onde se vê que a expiação ali efetuada faz parte integral do plano geral do evangelho. Ele percebeu que o esforço humano jamais poderia realizar o que foi realizado na cruz. E assim também os seus esforços anteriores, como fariseu, assumiram um novo significado, pois em seus frenéticos esforços para obter a justiça própria, mediante a observância da Lei, Paulo teve uma lição perfeitamente objetiva da total necessidade da justiça que vem por meio de Cristo.

No livro de Atos dos Apóstolos, temos o discurso no areópago ⁵⁶ em que muitos pesquisadores concordam ser uma construção teológica de Lucas, observa-se um registro de Paulo em Atenas em que fala no grande Areópago. Atenas, uma cidade-estado da Grécia, com seus magníficos edifícios e muitos deuses, era o centro da arte, da filosofia e da educação grega naquele tempo. Os filósofos como “epicureus” e “estoicos” e outros homens cultos estavam sempre prontos para ouvir algo novo, e Paulo anunciava sobre Jesus e a ressurreição (Atos 17,18) e era visto como um pregador de deuses estranhos, e por isso, convidaram Paulo para falar no Areópago. Paulo inicia seu argumento favorável a Deus (Atos 17,23) e menciona sobre coisas que os gregos entendiam; mencionou a superstição deles, ao altar do Deus desconhecido (Atos 17,22) e cita até versos de um poeta helenista (Atos 17,28) a fim de estabelecer uma base na cultura grega para focar em Deus (Atos 17,24-29). Finalmente direcionou a sua mensagem à pessoa de Cristo, dando ênfase na ressurreição (Atos 17,30-31). Os gregos zombavam da ideia de uma ressurreição do copo (Atos 17,32). Eles criam que o corpo era uma barreira para alma imortal.

56. Areópago. No grego antigo: Ἀρειος Πάγος *areios pagos*, "Colina de Ares") era a parte nordeste da Acrópole em Atenas e também o nome do próprio conselho que ali se reunia. Além de supremo tribunal, o conselho também cuidou de assuntos como educação e ciência por algum tempo. (SCHULER. Arnaldo. Dicionário enciclopédico de teologia. p.61. Editora da ULBRA. 2002).

Paulo já estava acostumado a enfrentar o questionamento sobre a ressurreição, pois na terra de Israel enfrentou um grupo religioso conhecido como saduceus. Estes eram os intelectuais nos tempos de Jesus. Estes diziam que a ressurreição dos mortos não podia ser confirmada nos escritos de Moisés. O historiador Flavio Josefo declara que a crença dos saduceus era de que a alma morria com o corpo, opondo-se assim aos fariseus que criam nessas doutrinas. Portanto, Paulo como tinha sido um fariseu já estava acostumado a debate, e, entre os gregos enfrentou os cétricos no que se refere à crença da ressurreição, neste caso, mas especificamente a crença no Jesus ressuscitado.

4.1 UM TRATADO SOBRE A RESSURREIÇÃO.

A carta de Paulo aos Coríntios trata sobre ressurreição, ou seja, Paulo argumenta sobre a ressurreição de Cristo, mas também sobre a ressurreição de todos aqueles que pertencem ao Messias. No que se refere à ressurreição nas cartas aos Coríntios Wright é enfático em dizer que:

“1 e 2 Coríntios convergem naquilo que dizem sobre a ressurreição. Assim como em nossa análise das demais epístolas paulinas, não devemos apenas comentar a frequência das referências à ressurreição em contraste com as fontes judaicas que desejam afirmá-la, mas também sobre a forma como, dentro de vinte e cinco anos após a carreira pública de Jesus, a ressurreição já abrira caminho dentro da estrutura de pensamento de Paulo, de forma que o tema aparece nas cartas não como um tópico em meio a vários para ser comentado e, então, deixado de lado, mas como parte da estrutura de todo restante. Em ambas as epístolas a morte e a ressurreição de Jesus (esta última como resultado do poder do Deus vivo) são fundamentais. Em ambas, a ressurreição futura do apóstolo e a de todo o povo da aliança, como parte da nova experimentada entre a ressurreição de Jesus no passado e aquela dos crentes no futuro se deixa determinar radicalmente por estes dois eventos, construída sobre o primeiro e antecipando o segundo.”⁵⁷

57. WRIGHT, N.T. *A Ressurreição do Filho de Deus*. p.439.

O capítulo 15 da primeira Epístola aos Coríntios é uma exposição do pensamento paulino sobre a ressurreição dos mortos. Mas, D.A. Carson e G.K. Beale dizem que ⁵⁸: é difícil identificar com absoluta certeza as circunstâncias históricas que levaram Paulo a escrever esse capítulo. Todas as leituras do capítulo que procuram reproduzir as circunstâncias que motivaram o envio da correspondência reconhecem, como base 1 Coríntios 15,12 – “como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição dos mortos?”. É possível que muitos na Igreja de Corinto discordassem haver ressurreição. Portanto, estaria em dúvida até em negação a ressurreição do próprio Cristo. Como já mencionado anteriormente, possivelmente havia no meio daquela comunidade uma influência das ideias racionalistas dos filósofos gregos. Paulo chega a alertar aquela comunidade cristã dizendo que: “as más conversações corrompem os bons costumes” (1 Cor 15,33).

Para conhecer um pouco mais sobre a questão relacionada à ressurreição é importante mencionar este termo conforme escrito na língua original.

A palavra “ressurreição” no grego *αναστασις* (*anástasis*), tem semelhante sentido que é “de levantar, levantar-se ou erguer-se”, empregado para a ressurreição dos mortos no NT. O significado literal é voltar a viver. Portanto, ressurreição é outorga da vida ao que havia se extinguido fisicamente. Pode ser entendido o ato do levantamento no sepulcro. A expressão ressurreição é citada varias vezes por Paulo (1 Cor 15.12-13,21,42).

O termo ressurreição tem um caráter preponderante nas narrativas do Novo Testamento, assumido como fulcro da fé cristã, pois temos fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, Filho de Deus. Esse é o querigma primário, comumente observado nos relatos bíblicos, e principalmente nas cartas paulinas.

Entretanto, o termo “ressurreição” não foi criado por Paulo, tendo em vista ser mencionado em várias passagens bíblicas, com personagens importantes da história no Antigo Testamento.

58. CARSON, D.A. e BEALE G.K. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. p. 924. São Paulo. Edições Vida Nova. 2007.

É importante mencionar que a palavra hebraica para “ressurreição” no AT, vem do verbo: “se levantar”, ou seja, a “ressurreição” com a ideia de “levantamento” קום (*kum*) em Sof 3,8. קימה (*kimah*) em Lam 3,63. Nas Escrituras Hebraicas, não existe nenhum termo técnico como “ressurreição”, mas encontramos palavras paralelas, como em Isaiás 19,26, que transmitem a mesma ideia, entre elas קום (*kum*), “levantar-se” (Gen 23,3; Gen 24,54; Sal 139,2), levantar-se, surgir um líder ou profeta (Deut. 13,2/Deu 13,1), mover-se de um lugar (Êx 10,23), levantar-se contra, rebelar-se (Jz 9,18; 2 Sam 18,31). São termos que no hebraico são ligados, pois são palavras que vem da mesma raiz. Podemos ainda observar que estes termos são mencionados em contexto do mundo em que a humanidade vive, ou seja, termos usados para designar coisas mundanas e familiares.

Hans Kessler comenta:

“Ser acordado, levantar são termos cotidianos usados para designar coisas mundanas e familiares (acordar/erguer/levantar do sono, de uma doença ou derrota), que o AT tardio havia empregado em sentido figurado *como imagens* que remetiam a uma realidade futura, ainda não chegada, que ultrapassa todas as possibilidades mundanas (a ressurreição corporal escatológica dos mortos: Is 26,19; Dn 12,2), e havia empregado como sinônimos: os mortos “se levantam” porque Deus os “ressuscita”. Com essas metáforas o NT expressa algo inaudito: esse objeto de esperança já teria se tornado realidade presente em Jesus”.⁵⁹

Entendemos que os escritores do AT demonstram a ideia ou crença na ressurreição (Cf. Jó 19,25; Is 26,19; Dn 12,2-3; Os 13,14). Há pesquisadores que discordam, pois afirmam que o termo ressurreição no AT não tem o mesmo sentido do Novo Testamento.⁶⁰

59. SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática Volume 1*, p.237.

60 NOGUEIRA, Paulo A. de Souza e MACHADO, Jonas. *Morte e ressurreição de Jesus. Reconstrução e hermenêutica*. Um debate com John Dominic Crossan. pp. 29 a 42.

Contudo, a nossa pesquisa não tem a intenção de confirmar se o termo ressurreição tem o mesmo sentido entre o AT e o NT, mas indicar e perceber que o termo ressurreição não foi criado por Paulo, e de enfatizar que há muito, ou seja, antes de Paulo, já se mencionava a palavra “ressurreição”, mas compreendemos que o termo “ressurreição” ganhou um sentido mais elaborado e defendido de forma mais intensa pelo apóstolo Paulo devido a sua experiência do encontro com o Cristo ressuscitado.

A ressurreição dos mortos e a doutrina da transcendência pessoal sobre a morte são mencionadas em livros não canônicos, como o de Enoch, 2 Esdras e Baruch que estão associados com a tradição apocalíptica dos livros canônicos de Daniel, Habacuque e Sofonias; assim, fazendo parte das questões escatológicas da apocalíptica judaica por muito tempo. Esses livros adotam a uma imortalidade incorpórea da alma. Algumas passagens apocalípticas mencionam a ressurreição somente dos justos para recompensa e dos pecadores para eterna punição. Alguns prevêm uma ressurreição de Israel, outras a ressurreição de pessoas. Portanto, o conceito de ressurreição do NT depende dos escritos do AT e da esperança escatológica mencionada pela tradição apocalíptica dos judeus.

Robert M. Seltzer comenta:

“Mais complexa é a doutrina da transcendência pessoal sobre a morte. Alguns dos livros não canônicos aderem a uma imortalidade incorpórea da alma. Outros livros desenvolvem a noção de uma ressurreição dos mortos, a que se alude em Daniel 12,12. Algumas passagens apocalípticas se referem a uma ressurreição somente dos justos, outras a uma ressurreição dos justos para eterna recompensa e dos pecadores para eterna punição. Algumas prevêm uma ressurreição somente de Israel, outras uma ressurreição de todos os homens.”⁶¹

Por que Paulo escreve um tratado sobre a Ressurreição de Jesus? Parece intencional ratificar a sua crença na ressurreição de Jesus e concomitantemente fortalecer a fé daqueles que de alguma forma encontravam-se indecisos concernente ao assunto “ressurreição”. Em sua primeira carta à Igreja em Corinto Paulo inicia o capítulo 15 trazendo a memória dos irmãos o evangelho que havia pregado a eles e que de alguma maneira acreditava que estes estavam também firmados (1 Cor 15,1).

61. SELTZER. Robert M. *Povo judeu, pensamento judaico I*. p. 208. A. Koogan editor Rio de Janeiro. 1990.

Possivelmente nas entrelinhas destas palavras alguém não estava muito seguro da sua fé cristã. Assim, o apóstolo dos gentios apresenta um resumo da defesa da fé cristã que havia se tornado para ele um postulado do seu ministério.

O tratado da ressurreição escrito por Paulo em 1 Coríntios, é muito mais argumentativo, tomando por base a sua experiência com Cristo e sua fé inabalável no evangelho e por que não dizer submisso, também a tradição dos apóstolos, Paulo deixa claro que não foi o criador do pensamento e da tradição cristã. Ele afirma que sua conversão a Jesus, seu aprendizado e respeito à doutrina dos primeiros apóstolos (Os verbos que emprega nos manuscritos gregos são termos que comunicam o sentido de “receber” e “transmitir” a tradição da igreja primitiva). Embora Paulo fosse um homem de cultura, inteligente e de grande saber teológico, ele foi enfático em afirmar que a pregação central do evangelho e dos apóstolos era em anunciar: que Jesus cristo, o filho de Deus, veio a este mundo, caminhou entre homens, morreu pelo nossos pecados e ressuscitou no terceiro dia.

“Por meio dele também sois salvos, desde que vos apeguéis com convicção à Palavra que vos anunciei; caso contrário, tendes crido em vão. Porquanto, o que primeiramente vos transmiti foi o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, conforme as Escrituras,” (1 Cor 15,2-4).

O tratado argumentativo paulino faz citações de algumas aparições de Cristo após a ressurreição:

“e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso, apareceu a mais quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Mais tarde apareceu a Tiago, e a todos os apóstolos e, por último, apareceu também a mim, que sou como um aborto” (1 Cor 15,5-8).

É importante mencionar que muitos estudiosos concordam que a primeira Carta aos Coríntios, capítulo 15 é o documento mais antigo sobre o Jesus ressuscitado escrita por Paulo na metade do 50 d. C., portanto, menos de vinte anos após a morte de Jesus. “Pedro” é citado pelo nome aramaico “Cefas”, que significa “Pedro”, mas também “pedra”, sinal típico do Antigo Testamento. O teólogo italiano Rinaldo Fabris explica

que o registro do capítulo 15 “indica que Paulo foi encaminhado para uma antiga tradição de Antioquia”. Segundo a tradição, aqueles que viram Jesus ressuscitado estavam com Simão Pedro (1 Cor 15,5, Lc 24,34), Tiago, o “irmão do Senhor” (1 Cor 15,7) e Maria Madalena e a outra Maria (Mt 28,9-10 , Jo 20,14-18), a mais de 500 discípulos na Galileia (Mt 28,10-20), dois discípulos a caminho de Emaús (Lc 24,15-31), os onze apóstolos (1 Cor 15,5; Mt 28,16-20, Lc 24,36-51; Jo 20,19-29; 21,1-23, At 1,3-11), um número considerável de apóstolos (1 Cor 15,5-7) e uma vez para mais de quinhentos discípulos , “a maioria dos quais ainda vive , enquanto outros morreram”. Este último detalhe é importante, como em São Paulo parece chamar testemunhas, por causa da ressurreição, então vivas que poderiam facilmente confirmar ou até se opor as suas palavras.

Mas, no momento a pergunta que se faz é o que de fato significou a Ressurreição de Jesus para Paulo? Compreendemos que esta resposta só pode ser baseada pelas epístolas escrita por ele. Neste momento o texto de 1 Coríntios 15 pode nos ajudar. Iniciamos a resposta desta pergunta tomando por base as questões que geraram conflito e que o próprio Paulo argumenta a esta comunidade em sua carta. Paulo apresenta uma série de pensamentos que naturalmente surgiram das declarações que os coríntios faziam. Paulo assim inicia: Se os mortos não ressuscitam do túmulo, logo: “nem mesmo Cristo ressuscitou” (1 Cor 15, 13); “ é vazia a nossa pregação” (1 Cor 15,14); “é vazia a fé que você tem” (1 Cor 15,14); somos “falsas testemunhas” de que Deus ressuscitou a Cristo (1 Cor 15,15) , “é inútil a fé que vocês têm” (1 Cor 15,17); “ainda estão em seus pecados” (1 Cor 15, 17), ou seja ainda carregam a culpa e a condenação de pecado; “Também os que dormiram [morreram] em Cristo estão perdidos” (1 Cor 15, 18); “Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo (...) somos os mais dignos de compaixão” (1 Cor 15,19). Paulo nos faz refletir sobre a implicação da não aceitação da ressurreição de Jesus, para os seus seguidores. Entende que a cristandade depende completamente da ressurreição de Jesus, caso contrário, é tudo uma mentira. Podemos compreender que a perspectiva do Apóstolo Paulo sobre a ressurreição não é somente física e biológica, mas parece envolver o homem por inteiro: morte espiritual do pecado, vida ressuscitada na justiça e no amor. A ressurreição não é uma ideia filosófica, mas uma experiência na vida humana através de Jesus Cristo. Podemos entender que a ressurreição de Cristo é o âmago da fé dos cristãos. E também

a ressurreição é o ápice, isto é, é a exaltação de Jesus por Deus colocando um fim ao seu sofrimento e humilhação.

Theodor Shneider na obra *Dogmática* comenta: ⁶²

“A ressurreição de Jesus foi um ato pelo qual Deus pôs fim a sua humilhação e o exaltou acima de todos os inimigos da humanidade, um ato sem o qual a nossa fé é vã” (1 Cor 15,14).

Portanto, a fé é a força que gera e move a aceitação no Cristo ressuscitado. Mas, se a ressurreição não for um fato, essa fé não tem como existir e tampouco o seu anúncio como boas novas. Paulo sustenta que a ressurreição dos mortos é essencial para o evangelho por ele transmitido (1 Cor 15.1-34). Portanto, a fé de Paulo veio inserir-se naturalmente na fé da Igreja primitiva, com o acréscimo de sua própria experiência, enquanto testemunho apostólico.

4.2 A RESSURREIÇÃO E A PERSEVERANÇA NA FÉ CRISTÃ.

A ressurreição de Jesus não foi apenas um acontecimento que ficaria na memória das pessoas e que mais tarde teria a possibilidade de esquecimento. Pelo contrário. A ressurreição faz parte de um grande registro mencionado de maneira contundente pelos seguidores de Jesus, que de alguma forma podemos entender que fazem questão de sempre lembrar este grande evento. Tal afirmação pode ser constatada nos evangelhos que contem registro abundante da ressurreição de Jesus (Cf. Mt 28,1-20; Mc 16,1-8; Lc 24,1-54 e João 20,1-21).

Wayne Grudem, é um teólogo protestante e autor, Ph.D pela Universidade de Cambridge, nos Estados Unidos.⁶³ Argumenta que: Paulo também observa que a ressurreição tem uma aplicação relacionada à obediência a Deus nesta vida. Após uma longa discussão a respeito da ressurreição, Paulo conclui encorajando seus leitores: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.” (1 Cor 15,58). Parece que há um sentido ético relacionado à ressurreição, neste caso, seria a perseverança na fé.

62. SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática Vol. I*. p. 532.

63 GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática. Atual &Exaustiva*. p. 515.

Paulo tem outros registros que incentiva a perseverar na fé:

“Lembramos continuamente, diante de nosso Deus e Pai, o que vocês têm demonstrado: o trabalho que resulta da fé, o esforço motivado pelo amor e a perseverança proveniente da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo.” (1 Ts 1,3).

Este registro aos Tessalonicenses mostra como Paulo motiva esta comunidade a perseverar firme na crença e trabalhar com fé mesmo quando vier a perseguição, pois ele mesmo havia anunciado a esta comunidade sobre o Jesus ressuscitado e declara que eles tinham sido feitos seus imitadores e do Senhor (1Ts 1,6).

O apóstolo Pedro enfatizou a importância desta qualidade ao insistir com cristãos: “Supri à vossa fé . . . a perseverança.” (2 Pd 1,5-6) Mas, exatamente o que é perseverança?

Que significa perseverar? O verbo grego para “perseverar” (υπομένο - *hupoméno*) significa literalmente “permanecer ou ficar embaixo”. Ocorre 17 vezes na Bíblia. Segundo os lexicógrafos W. Bauer, F. W. Gingrich e F. Danker, significa “permanecer em vez de fugir, manter-se firme, aguentar”. No léxico de Gingrich e Danker a palavra ἐπιμένω - *hepiméno* significa continuar, persistir e perseverar com. O substantivo grego para “perseverança” (υπομονή - *hupomoné*) ocorre mais de 30 vezes. Sobre esta palavra, A New Testament Wordbook (Glossário do Novo Testamento), de William Barclay, diz:

“Ela é o espírito que pode suportar coisas, não simplesmente com resignação, mas com fervorosa esperança. É a qualidade que mantém o homem em pé com o rosto voltado contra o vento. É a virtude que pode transmutar a provação mais difícil em glória, porque vê o alvo mais além da dor.”⁶⁴

Portanto, a perseverança capacita o fiel a manter-se firme e a não perder a esperança em face de obstáculos ou dificuldades, (Rm 5,3-5).

Quanto ao episódio da Ressurreição de Jesus compreendemos que passaria despercebido se não fosse a perseverança dos primeiros cristãos, sobretudo o testemunho dos Apóstolos e das santas mulheres que acompanharam Jesus até a Cruz.

64 BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento* Vol. 1..

A pergunta que se faz neste momento é: será que Paulo estimularia alguém perseverar na fé cristã se não acreditasse na ressurreição de Jesus ou será que alguém perseveraria na fé cristã ou no evangelho anunciado por Paulo se não acreditasse? Não. O apóstolo Paulo é muito objetivo no que se refere à perseverança na fé, e podemos observar que a crença na ressurreição de Jesus é fortemente marcada no evangelho de Paulo. Leia:

“Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho; pelo que sofreu trabalhos e até prisões como um malfeitor, mas a Palavra de Deus não está presa” (2 Tm 2,8,9).

Na presente referencia Paulo é enfático “Lembra-te de Jesus”. O apóstolo estimula a recordar Jesus Cristo, significando que se deve trazer à memória, o ressuscitado de entre os mortos, não se referindo assim, a um evento do passado, mas a uma ação contínua, ou seja, ele não apenas ressuscitou, mas continua vivo e com a capacidade de atribuir vida, assim como a afirmação de que é da linhagem de Davi, neste caso, a intencionalidade do texto faz frente às heresias que se faziam presentes no interior da Igreja naquela época, especialmente o gnosticismo, que negava a humanidade de Cristo, e, quando Paulo menciona “segundo o meu evangelho”: possivelmente retoma a pregação do apóstolo, mencionada em diferentes momentos (Rm 2.16; Gl 1.11; 2 Cor 4.3).

Portanto, podemos compreender que a ressurreição pregada por Paulo é mantida através da fé perseverante, e que não pode ser mantida de outro modo, e que neste caso é fortificada pelas palavras do Apóstolo motivando aqueles que a aceitam, reprovando assim, o pensamento da gnose.

Georg Ziener escreveu:

“A gnose não é propriamente uma religião, mas, antes, uma nova concepção do homem, uma atitude perante o mundo, a qual, a vida do Oriente em tempos pré-cristãos, invadiu, especialmente nos dois primeiros séculos depois de Cristo, todas as religiões e em parte também a filosofia”.⁶⁵

65 SHREINER, J. e DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. p.372.

Cerfaux afirma que a fé na ressurreição é a pedra angular da comunidade cristã que se recompõe após a morte de Cristo.⁶⁶ Ele entende que a fé conjectura o fato, e vai além do simples testemunho para o universo do Espírito; a testemunha segundo a fé testemunha no Espírito, sem que seu testemunho cesse por isso de ser um verdadeiro testemunho; quem recebe esse testemunho, recebe-o na dupla qualidade de testemunho humano e de testemunho no Espírito.

No NT, mais especificamente na carta aos Hebreus temos um registro, que para muitos chega ser até uma definição quando se fala de fé:

“A fé é a certeza de que haveremos de receber o que esperamos, e a prova daquilo que não podemos ver. Porquanto foi mediante a fé que os antigos receberam bom testemunho.” (Hb 11,1,2).

Neste caso, na carta aos Hebreus 11, vemos a natureza da fé, sua essência e o seu sentido podem ser observado através de exemplos tirados do Antigo Testamento. Para os evangélicos a fé é uma confiança sem espaço para dúvida, ou seja, a fé é como uma declaração escrita oficial. A fé é medida que todo ser humano pode ter. Ela é a base da esperança que faz o fiel seguir adiante, firmando nas promessas do Senhor e deixando para trás as incertezas. Segundo o apóstolo Paulo, a fé nasce na vida de cada um quando ouve a palavra de Cristo. Assim, escreveu: “Logo a fé vem pelo ouvir as boas novas, e as boas novas vem pela palavra de Cristo” (Rm 10,17).

A ressurreição e a perseverança na fé cristã estão ligadas, não há como uma funcionar sem a outra, neste caso, ambas estão juntas, ou seja, a ressurreição toma força naquele que acredita e permite assim, uma fé perseverante que só pode se manifesta a quem recebe por fé a mensagem que vem ao ouvido e penetra ao coração.

66 CERFAUX. Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. p.63.

4.3 O CRISTIANISMO COMO UMA OBRA DA RESSURREIÇÃO.

No Novo Testamento, observamos que a presença de Jesus é registrada como aquele que veio remir a humanidade de seus pecados, livrar os cativos e oprimidos do diabo, é visto como messias, o redentor, o ungido e aquele que fez muitos milagres. Mas, do que este relato nada se compara com a narrativa da ressurreição, que pode ser considerada sem dúvida o maior feito, e que é a base para a existência da cristandade. Portanto, o cristianismo está baseado no evangelho da ressurreição de Jesus de Nazaré, porque nesse acontecimento Deus vindicou a reivindicação de Jesus de ser o representante primordial de seu reino vindouro.⁶⁷

Por que o cristianismo pode ser considerado como uma obra da ressurreição? O cristianismo não poderia ter iniciado se a crucificação tivesse sido o fim absoluto de Jesus. A causa de Jesus teria perecido com ele. Mas, a ressurreição é considerada um fator preponderante na mensagem da fé cristã. Tendo em vista que, a profissão da fé e a pregação começam e se fundam na ressurreição de Jesus.

Para compreendermos esta questão, se faz necessário mencionar a crucificação de Jesus e este acontecimento poderia ter marcado os seguidores de Jesus. Muitos consideram que o martírio de Jesus poderia ter levado os discípulos a uma possível crise. Para os judeus, Jesus teria ficado desacreditado como muitos que haviam aparecido naquele tempo como mensageiros de Deus, e assim, aqueles que eram seguidores tinham retornado para sua vida cotidiana na região da Galileia, ficando apenas um grupo de mulheres e admiradores (Cf. Mc 14,43). Mas, pouco depois da crucificação de Jesus, os discípulos se encontram reunidos, em Jerusalém, local que até aquele momento ainda era um perigo para eles, devido às ameaças dos seus compatriotas, mas, mesmo assim, se reuniram, formando uma comunidade de fé. Tudo isso, se deu devido à mensagem de que Deus teria ressuscitado da morte ao Jesus que havia sido crucificado (Mc 16,6-11). Portanto, aquela mensagem trazida por Maria Madalena e Salomé afirmando que Jesus havia ressuscitado trouxe animo e alegria aos discípulos (Cf. Mc 16,1; Jo20,1; Mt 28,1 Lc 23,55).

67. SHREINER, J. e DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. p.26.

Hans Kessler comenta:

“A crucificação de Jesus precipitou mais ainda seus discípulos numa crise extrema. Para a opinião pública judaica Jesus estava desmascarado como falso mensageiro de Deus. Isso tinha de refletir-se sobre os discípulos: eles fogem e voltam para sua pátria na Galileia (Mc 14,27s.50;16.7; Jo 16,32;Mc 15,40s; só fica o grupo de mulheres, além de alguns simpatizantes; Mc 15,43. O fim ignominioso de Jesus significou para os discípulos uma catástrofe que dificilmente se pode superestimar: sua fé despertada por Jesus e suas esperanças vieram abaixo (cf. Lc 24,20s) [...] se aquele que havia ligado o advento do Deus que salva incondicionalmente com sua própria atuação estava agora, ele próprio, morto e aniquilado, então toda a sua mensagem não estaria refutada como equívoco, a possibilidade da fé no Deus por ele anunciado não estaria destruída, o discipulado de Jesus (como seu mensageiro definitivo) não havia acabado? A morte de Jesus terreno, pré-pascal uma resposta para ela, só o próprio Deus podia dá-la [...] Pouco tempo depois da execução de Jesus na cruz, os discípulos [...] se reúnem, formando a comunidade primitiva. Essa reviravolta inesperada está associada à mensagem de que Deus teria ressuscitado da morte ao Jesus crucificado”.⁶⁸

No mais antigo “querigma” que conhecemos (1 Cor 15, 3), são afirmadas a morte e a ressurreição de Cristo.⁶⁹ Para Paulo o cristianismo sem a ressurreição é sem sentido, seria simplesmente reduzir a uma simples lenda religiosa. Portanto, o cristianismo tem sua base fortalecida através da ressurreição dentro da perspectiva paulina. Portanto, a ressurreição de Jesus é à base da fé cristã.

“e se, Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como igualmente é improdutivo (inútil) a vossa fé” (1 Cor 15,14).

Nesta observação de Paulo na primeira epístola aos Coríntios é possível enxergar como sua pregação está atrelada a ressurreição de Jesus como também a sua produtividade, pois pode se perceber em suas demais epístolas o elo com outras doutrinas mencionadas e desenvolvida pelo ensino de Paulo que são comumente estudadas em teologia e aceita pela Igreja, como a doutrina do pecado e da justificação, pois Ele é enfático em afirmar que sem a ressurreição de Jesus não haveria remissão dos pecados. Leia: “Ele foi entregue à morte pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4,25).

68. SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática* Vol. I. p. 256, 257. .

69. SHREINER, J. e DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. p.26.

É a ressurreição de Cristo o âmago da fé dos Cristãos que também foi mencionado por Pedro (Cf. 1 Pd 1,3).

Outro fator importante é que a ressurreição de Jesus dentro da mensagem de Paulo tem uma ligação escatológica e parece mostrar uma sequencia que chega a seu ápice na ressurreição dos mortos, é no Cristo que todos serão vivificados (1 Cor 15,21-22), ou seja, tem tudo a ver com a questão do mundo novo que espera aqueles que tem a fé, reconhecem e seguem o Cristo ressuscitado. Pois, Paulo declara:

“Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.” (1 Coríntios 15.20).

A Concordância de Strong ⁷⁰ mostra que a palavra grega “ἀπαρχή” (aparché) traduzida como “primeiro/principio” neste versículo significa: “O início de um sacrifício, Primeiro em tempo ou lugar, em qualquer sucessão de coisas ou pessoas; primeiro fruto ou principal”.

No Antigo Testamento as “primícias” são os primeiros molhos da colheita, oferecido ao Senhor como indicação de que toda a colheita, oferecida pertencia a Deus e lhe seria dedicada por meio de vidas consagradas (Cf. Êx 23,19; Lv 2,12).

O teólogo pentecostal Lawrence Olson⁷¹ em sua interpretação afirma que “Cristo é as “primícias” dos que dormem no Senhor (1 Cor 15,23; Cl 1,18). E que também são incluídos como espécie de “primícias” os santos ressuscitados que estavam com Ele naquele dia em que ressuscitou (Mt 27,52-53). É possível perceber que esta afirmação de Olson demonstra muito mais a sua crença em relação a ressurreição de Jesus em conformidade com os pensamentos paulino.

70. STRONG. Jaimes. *Dicionário Bíblico*. NT 536: ἀπαρχή. Sociedade Bíblia do Brasil..

71 OLSON. N. Lawrence. *O Plano Divino Através dos Séculos*. p.184

Muitos teólogos concordam que Paulo apela para a tradição histórica dos judeus e declara que, assim como o primeiro molho da colheita, conhecido como “primícias” e como já mencionado, era dedicado a Deus, em sinal de que toda a colheita pertencia a Ele e lhe seria dedicada por meio de todas as vidas que dependiam do fruto da terra (Lv 23,10-20), assim também, Jesus Cristo, que foi ressuscitado, é a garantia plena de ressurreição e vida eterna de todo o remido por Deus (1 Ts 4,13-18).

O cristianismo relaciona intimamente a ressurreição de Cristo com a escatologia. O Cristo ressuscitado é “primícias” da ressurreição (At 4,2). A morte e ressurreição de Cristo são a garantia que Deus dá de que haverá ressurreição futura, e por isso, o começo da ressurreição final. A ressurreição de Cristo é um fato histórico que atribui pleno significado ao futuro da humanidade.

Ao ressuscitar Jesus dos mortos, Deus elevou a causa pela qual ele viveu e morreu ao mais alto poder na história da salvação. Ao ratificar a reivindicação de Jesus de ser o mediador na história do mundo. A Igreja de Jesus Cristo entrou nesse ponto, como criação do Espírito, para anunciar a irrupção escatológica na forma de vida – nova e isenta de morte – que Jesus herdou por meio da ressurreição.⁷²

A Ressurreição de Jesus é a engrenagem que movimenta e gera o cristianismo, e o lugar onde nasce a fé do cristão, e ao mesmo tempo mexe com a razão dos homens que dão as interpretações multifacetadas na teologia.

A Ressurreição de Cristo é o principio de nossa ressurreição futura. Paulo escrevendo em 1 Cor 15,21-22, depois de ter dito que Cristo é o primeiro ressuscitado, portanto, primícias, principio, o Apóstolo Paulo continua a dizer: “Porque por um homem veio a morte, assim também por um homem veio a ressurreição dos mortos, ou seja, como todos morreram em Adão, assim em Cristo todos retomarão a vida” .

72. BRAATEN. Carl E. & JERSON. Robert W. *Dogmática Cristã V 1*. p. 535. .

Lucian Cefaux afirma que:

“Neste contexto, a volta à vida significa antes de tudo a ressurreição final”. Portanto, a ressurreição de Cristo é também a causa das ressurreições futuras que se realizam por causa Dele, por causa dessa relação intrínseca, a nossa ressurreição nos constituirá a imagem de Cristo ressuscitado (Cf 1 Cor 15,49). Consideramos importante terminar citando as palavras de Paulo 1 Cor 6.14: “Deus que ressuscitou o Senhor também ressuscitará a nós pelo seu poder”.⁷³

CONCLUSÃO

Ao concluir nossa pesquisa, podemos afirmar que a aparição do Cristo ressuscitado no caminho de Damasco foi a causa da conversão de Paulo, e conseqüentemente, esse despertar de fé na a ressurreição de Jesus para o Apóstolo Paulo, é à base da sua pregação e da sua cristandade. Portanto, Paulo atinge o nível do cristianismo primitivo por sua fé na ressurreição; ele participa do apostolado como uma testemunha da ressurreição, após a sua experiência do encontro com o Jesus ressuscitado.

Em meio a tantos debates que surgiram sobre o tema da ressurreição, principalmente os que foram levantados pelos eruditos do NT, como Rudolf Bultman, J. Jeremias, Paul Tillich, John Dominic Crossan e outros, o fato é que a ressurreição é anunciado por Paulo como uma realidade, um marco para o cristianismo, e impulsionado pelas palavras de Paulo. Jesus e sua ressurreição são uma realidade, que está registrada nos escritos do Novo Testamento, ou seja, mais especificamente nos relatos dos Evangelhos, na narrativa do livro de Atos dos Apóstolos e nas Epístolas paulinas. A ressurreição nos leva ao âmago e apogeu das narrativas cristãs. Jesus de Nazaré é vivo após a sua ressurreição.

73 CERFAUX. Lucien. *Crsto na Teologia de Paulo*. São Paulo. Paulus. p.74.

As cartas de Paulo são marcadas pelo conhecimento que acumulou ao longo de sua vivência como fariseu e claro que somando isso, a experiência metafísica que teve com Jesus ressuscitado, iniciou ao seu chamado, transformando o homem embriagado pelas suas certezas religiosas se curvando a uma nova realidade por ele presenciada possibilitando ao novo pensamento a respeito do Jesus que outrora perseguia. Assim, podemos constatar que Paulo escreveu suas cartas com base no seu conhecimento de doutor da lei e experiências adquiridas.

Ainda neste epílogo se faz necessário registrar que não tivemos qualquer intenção de trazer nova interpretação sobre o tema nesta pesquisa, mas enfatizar o que alguns teólogos já descreveram ou pensam sobre a ressurreição de Jesus à luz do pensamento Paulino.

Ao buscar informações sobre “A Ressurreição de Jesus” nas epístolas paulinas, encontramos o fundamento da teologia desse Apóstolo. Em Filipenses 2,6-11 ele apresenta a obra de Jesus e enfoca sua humilhação na cruz e também a sua exaltação como Senhor. É possível ver a centralidade nas duas situações, porque, ao oferecer a si mesmo, ele manifestou o seu amor por toda humanidade. Aqueles que desprezam a Deus e sua glória recebem o perdão dos pecados através da pessoa bendita de Jesus, por meio de sua morte reconciliadora. Entendemos que Deus vindicou a obra de Cristo Jesus, exaltando acima de todo nome por meio de sua morte. Portanto, a morte e a ressurreição de Jesus inauguraram um novo tempo, em que a promessa de Deus vem abençoar a todas as nações.

A ressurreição de Jesus na visão de Paulo na 1 Carta aos Coríntios 15 mostra que Paulo concilia a sua visão à dos apóstolos e às de todas as outras testemunhas da ressurreição, assim, ele foi escolhido como “testemunha da ressurreição” e a sua voz se junta à dos demais apóstolos. Portanto, a ideia da ressurreição de Jesus desenvolvida por Paulo na epístola aos Coríntios, pode até estar relacionado aos testemunhos dos demais irmãos, mas o fato é que Paulo tem a convicção que Jesus a ele apareceu no caminho de Damasco. Por isso, a sua vida é transformada e ganha o novo sentido.

Paulo, sendo fariseu, não foi influenciado pelos pensamentos dos saduceus, pois sempre foi muito fiel as suas crenças, principalmente a doutrina da ressurreição dos mortos. A motivação de Paulo a perseguir e ser tão rigoroso com os cristãos daquela época pode estar relacionada ao seu fundamentalismo como fariseu e ao mesmo tempo em não aceitar a mensagem anunciada pelos cristãos em um Cristo que foi crucificado e morto junto a malfeitores em lugar maldito como era considerado a cruz.

O fato é que os pensamentos de Paulo sobre a ressurreição influenciam fortemente toda a comunidade cristã até os dias de hoje. Na realidade Paulo trabalhou as doutrinas de modo contundente dando rumos ao cristianismo como religião. A importância de Paulo na organização da Igreja foi tão significativa que muitos teólogos e pesquisadores chegam a declarar que Paulo é o pai do cristianismo. Portanto, podemos afirmar que de fato o cristianismo é uma obra da ressurreição pelos escritos de Paulo, pois, o cristianismo tem se solidificado através das pregações de Paulo na crença do Jesus ressuscitado.

Assim, pode se compreender que a Igreja em nossos dias não teria condições de definir e descrever a ressurreição de Jesus sem as epístolas de Paulo. Estas surgem como uma argumentação do apóstolo em defesa da ressurreição de Jesus. Pois, o que conhecemos, ouvimos e anunciamos sobre a ressurreição de Cristo está mencionada de uma forma didática nas epístolas paulinas.

Para Paulo não há sentido em anunciar o evangelho de um Cristo que não ressuscitou. A Ressurreição de Jesus nos faz refletir sobre a sua importância na fé e para a comunidade cristã. A fé é um elemento fundamental quando se faz menção de algo incomum.

Paulo no caminho de Damasco no encontro com Jesus ressuscitado. Temos nesse ponto como tudo se inicia na vida Paulo. Uma história marcada por uma experiência espiritual profunda e intensa com o Jesus ressuscitado. Constata-se como a ressurreição de Jesus passa a ser um grande acontecimento levando Paulo a uma nova jornada. Vemos um homem religioso em sua determinação de perseguir os seguidores de Jesus que acaba por encontrar com o próprio Jesus, e assim, o fariseu Saulo tem uma experiência que o modifica. Observamos que há traço característico em Paulo que não

se modifica após a sua conversão. Por exemplo, o seu fervor, assim como um judeu fervoroso que externa demonstrando ser um religioso praticante do judaísmo, defensor das tradições, e observador da lei (Fp 3,6; At 22,3). Pois chegou a afirmar ter sido circuncidado ao oitavo dia como manda o rito judaico, menciona ser da tribo de Benjamin (Rm 11,1; Fl 3,5-6; Gl 1,14; 2 Cor 11,22,26), O judaísmo é a fé que ele conhece e, por isso, se determina e age como um verdadeiro fariseu.

Os fariseus tinham uma profunda reverência para com os ideais nacionais e religiosos judaicos. Os fariseus se opuseram à introdução das ideias gregas, embora sendo um grupo que não tinha um grande número de seguidores, não deixou de ser natural que se tornassem um partido reacionário, e talvez, nesse cenário podemos ver Saulo, como um fariseu e perseguidor zeloso, que após ter o encontro com o Jesus Ressuscitado é vocacionado para ser apóstolo. Agora sendo chamado para a fé cristã, ele abraçou a revelação do Cristo que a ele apareceu, mostrando a sua seriedade, e lealdade a Jesus, criando assim, o paradigma do cristianismo. Pode-se dizer que Paulo foi um convicto seguidor de Jesus Cristo. Mas, nunca deixou a sua condição de Judeu.

No segundo capítulo abordamos “o pensamento, a teologia e a mensagem de Paulo” iniciamos com Jochim Gnika que diz que não se pode compreender a mensagem e a teologia paulina se não buscarmos conhecer sobre a vida de Paulo.

Schnelle afirma sobre o pensamento de Paulo ter um pano de fundo, e não pode ser entendido sem uma causa ou intervenções de ideias alternativas, que neste caso, cita três correntes de tradições: O Antigo Testamento, o judaísmo helenista e as tradições populares do helenismo greco-romano, e desses três ambientes formam o pano de fundo para se conhecer o pensamento de Paulo. Shnelle ainda enfatiza que as transformações no pensamento de Paulo só podem ser analisadas no testemunho de suas cartas.

Wiefel enfoca que para entender Paulo não devemos separar o pensamento e vida, ou seja, a vida e pensamento paulino estão associados. Partindo desse princípio destacamos três tópicos que consideramos: a importância do conhecimento da lei no pensamento de Paulo, como Paulo desenvolveu a sua teologia da ressurreição após o encontro com Jesus ressuscitado e a influencia do pensamento de Paulo na Igreja.

O primeiro, a importância do conhecimento da lei no pensamento de Paulo, G. Dautzenberg que comenta que após o encontro de Damasco Paulo teve quatro entendimentos fundamentais novos: O entendimento teológico, O entendimento cristológico e o entendimento soteriológico.

Daniel Marguerart levanta a questão se Paulo, ao aderir à fé em Cristo, modificou sua compreensão da Torah? Pois, havia um consenso sobre a transformação radical de Paulo. Posteriormente esse consenso foi combatido por alguns exegetas como James Dunn, esclarecendo e dando exemplo dessa nova perspectiva se encontra no modo como a Torah é entendida, e cita a importância da circuncisão para Paulo, demonstrando que o apóstolo não nega, a circuncisão como uma evidência essencial que marcava o membro da aliança. Mas igualmente afirmava Paulo que a circuncisão verdadeira é obra do Espírito que capacita para o serviço a Deus (Fl 3,3); a circuncisão verdadeira acontece no coração.

No segundo como Paulo desenvolveu a sua teologia da ressurreição após o encontro com Jesus ressuscitado. Lucien Cerfaux afirma que sendo Paulo um Fariseu, esperava talvez apaixonadamente, a ressurreição dos mortos. Assim, após o seu encontro com Jesus ressuscitado se sentiu mais próximo dessa realidade que desenvolveu a doutrina da ressurreição com facilidade. E por último a influência do pensamento de Paulo na Igreja, e como ele se mostrou um servidor da causa do Jesus ressuscitado.

A partir da indagação “o que de fato significou a Ressurreição de Jesus para Paulo?”, discorreremos sobre a necessidade de refletir cuidadosamente sobre a visão de Paulo relacionado à ressurreição de Jesus na carta aos Coríntios. Essa visão da ressurreição em Paulo que entendemos só pode ser construída ouvindo e lendo os teólogos e especialistas na vida e pensamento de Paulo. O diálogo com diferentes pensadores sobre assunto enriquece a construção do pensamento acadêmico equilibrado. Com Rinaldo Fabris percebemos o “Paulo Apóstolo dos gentios” em que apresenta não só um perfil histórico e espiritual, mas também teológico do grande apóstolo, a pessoa mais controversa e luminosa da experiência cristã na Igreja primitiva.

Ao longo desta pesquisa, mais especificamente no terceiro capítulo, o foco foi abordar a questão específica sobre a ressurreição na perspectiva de Paulo, ponto de chegada da pesquisa. Apresentamos de início a 1 Carta aos Coríntios 15, “Paulo e a ressurreição”, Se observa nesta carta a doutrina da ressurreição de Cristo e suas obras, que são específicas e tem sua essência no evangelho de Paulo. O que é peculiar e novo com relação a Paulo é que ele tornou os fatos da morte e a ressurreição de Cristo. A história da redenção é a espinha dorsal do cristianismo que ele anunciava. A questão da ressurreição de Jesus é importante no que se refere à fé e a pregação de Paulo que nos estimula a perseverança e crença no Cristo ressuscitado, ou seja, a ressurreição de Jesus nas palavras de Paulo estimula os que nele acreditam a perseverar na fé cristã. Assim, discutiremos sobre a forma como Paulo fala sobre a ressurreição como um tratado na tentativa de ensinar e conscientizar os fiéis da Igreja em Corinto e não menos importante chega-se ao entendimento que o cristianismo é uma obra da ressurreição.

Em Cristo, na sua vida e mensagem, temos o exemplo do amor de Deus revelado à humanidade. Mas, na sua Ressurreição tem-se um tempo de glória, a nova era que brilhou por isso, Paulo a concebe como as “primícias” dos que dormem. No pensamento judaico, a ressurreição era a inauguração da era vindoura. Portanto, A ressurreição de Cristo é um fato a-histórico e escatológico ao mesmo tempo, que atribui pleno significado ao futuro da humanidade.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Karth. *Esboço de uma Dogmática*. São Paulo. Fonte Editorial. 2006.
- BÍBLIA. Jerusalém de. *Nova edição, revista e ampliada*. São Paulo. Paulus. 2003.
- BÍBLIA. King James. *Edição de Estudo – 400 anos*. São Paulo. Editoras Abba. 2012.
- BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento Vol. 1*. São Paulo. Editora Vida. 2000.
- BECKER, J. *Apóstolo Paulo*. São Paulo. Academia Cristã. 1 Edição. 2007.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã. 2001.
- BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo. ASTE. 2001.
- BORNKAMM, G. *Paulo, vida e obra*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. 1992.
- BRAATEN, Carl E. & JERSON, Robert W. *Dogmática Cristã V 1*. São Leopoldo. Editora Sinodal. 1987.
- BRAATEN, Carl E. & JERSON, Robert W. *Dogmática Cristã V 2*. São Leopoldo. Editora Sinodal. 1987.
- BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI*. São Paulo. Editora Vida. 2008.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica. 2004.
- CARSON, D.A. e BEALE G.K. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo. Edições Vida Nova. 2007.
- CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber. 2001.
- CROSSAN, John Dominici & REED Jonathan L. *Em Busca de Paulo*. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo. Paulinas. 2007.
- DUNN, James D.G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Paulus; Academia Cristã, 2011.
- EICHHOLZ G. *El evangelio de Pablo, Salamanca*. Sígueme, 1977.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo Apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas. 2010.

- FERREIRA, Franklin & MYATT, Alan. *Teologia Sistemática. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2014.
- GINGRICH. F. Wilbur. e DANKER. Frederick W. *Léxico do Novo Testamento*. Grego/Português. São Paulo. Vida Nova. 2005.
- GRUDEM. Wayne. *Teologia Sistemática. Atual &Exaustiva*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2003.
- HARRIS, Laird R; JR, ARCHER L. Gleason; WLATKE, K. Bruce. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2005.
- HEYER. C.J. den. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo. Editora Paulus. 2008.
- JEREMIAS. J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos. 2008.
- _____. *Estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã. 2010.
- _____. *A Mensagem Central do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas. 1977.
- KASPER, W. *Jesus, El Cristo*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1978.
- LOPES. Hernandes Dias. *Paulo, o maior líder do Cristianismo*. São Paulo: Editora Hagnos. 2009.
- MARGUERAT, Daniel. *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011.
- MARSCHALL. I. Howard. *Teologia do Novo Testamento*. Diversos Testemunhos, um só evangelho. São Paulo: Ed. Vida Nova. 2007.
- MAZZAROLLO. Isidoro. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola. 2002.
- _____. *Paulo de Tarso*. Rio de Janeiro. Editor Mazzarollo. 2000.
- MESTERS. Carlos. *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o evangelho*. São Paulo. Paulus. 2013.
- MCDOWELL. Josh. *As evidências da Ressurreição de Cristo*. Os fatos históricos comprovam a ressurreição de Cristo. São Paulo: Editora Candeia. 1994.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso história de um apóstolo*. Paullus e Edições Loyola.

_____. *Paulo, Bibliografia Crítica*. São Paulo. Editora Loyola.

MYATT, Alan e FERREIRA, Franklin. *Teologia Sistemática*. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo. Vida Nova. 2007.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza e MACHADO, Jonas. *Morte e ressurreição de Jesus. Reconstrução e hermenêutica*. Um debate com John Dominic Crossan. São Paulo. Paulinas. 2009.

OLSON, N. Lawrence. *O Plano Divino Através dos Séculos*. Rio de Janeiro. Edições CPAD. 2005.

PESCE, M. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo. Loyola, 1996.

PFEIFFER, Charles F. *Dicionário Wycliffe*. Rio de Janeiro. CPAD. 2013.

QUEIRUGA, André Torres. *Repensar a Ressurreição*. A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura. São Paulo. Editora Paulinas. 2017.

ROSS, Allen P. *Gramática do Hebraico*. São Paulo. Editora Vida. 2001.

RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

SANDERS, Ed Parish. *Paulo: A Lei e o Povo Judeu*, São Paulo: Paulus e Academia Cristã, 2009.

SELTZER, Robert M. *Povo judeu, pensamento judaico I*. A. Koogan editor Rio de Janeiro. 1990.

SCHILSON, Arno e KASPER Walter. *Cristologia, abordagem contemporâneas*. São Paulo. Loyola. 1990.

- SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática Vol. I*. Petrópolis: Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2000.
- SCHNELLE, Udo. *A Evolução do Pensamento Paulino*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo. Loyola. 2004.
- SCHNELLE, Thomas. *A Teologia de Paulo. O apóstolo da glória de Deus em Cristo*. São Paulo. Editora Vida Nova.
- SHREINER, J. e DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo. Teológica,
- SCHULER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de teologia*. Canoas. Rio Grande do Sul. Editora da ULBRA. 2002.
- SOARES. Esequias. Lições Bíblicas. *Jesus Cristo, verdadeiro homem, verdadeiro Deus*. Rio de Janeiro. 1 Trimestre. Edições CPAD. 2008.
- TAYLOR, W.C. *Dicionário do NT grego*. Rio de Janeiro. Juerp.1991.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Sinodal & Est. Rio Grande do Sul. 2014.
- VINE, W.E. *Dicionário Vine. O significado Exegético e expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro. CPAD. 2007.
- WRIGHT, N.T. *A Ressurreição do Filho de Deus*. Santo André. SP. Editoras: Academia Cristã & Paullus. 2013.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad